

Far West

Kent Davis



**A DILIGÊNCIA
DO ALÉM**

Ela surge do nada. Aterrorizando!

A Diligência do além

Kent Davis

Contratado para proteger a herdeira da companhia de diligências, o pistoleiro profissional Clint Jordan precisava encontrar provas contra o autor dos ataques freqüentes que a companhia de Leslie sofria. Com a ajuda de um amigo, Clint revidava furiosamente contra os criminosos que pretendiam levá-la à falência, e não descansaria enquanto não acabasse com a vida do miserável trapaceiro de quem suspeitava. Mas quanto à aparição da misteriosa diligência-fantasma, a infernal carruagem de fogo vinda do além, que aterrorizava os viajantes e sumia nas trevas, nada poderia fazer.

Capítulo 1

Até aquele momento havia sido uma viagem bastante acidentada.

Viajar à noite, por um território árido, escarpado, debaixo de nuvens negras que pressagiavam uma tempestade, não fazia nenhum passageiro sentir-se bem-humorado dentro daquela diligência puxada por seis valentes cavalos, cujos brios começavam a diminuir à medida que avançavam na escuridão do deserto sem que se vislumbrasse o destino final.

A carruagem da Dakota Overland Mail & Co. teve, desde o princípio da viagem, uma série de problemas durante o percurso,

Primeiro, uma roda cujo eixo ameaçava sair pelo caminho fez com que a diligência parasse seguidas vezes para conserto. Depois, a impossibilidade de se substituir os cavalos já que o último posto de trocas havia sido atacado selvagemmente por índios ou bandoleiros que o converteram em escombros fumegantes. E, por último, uma cascavel que tinha assustado os animais, fazendo com que se espalhassem e se desviassem do caminho, levando quase meia hora para recolocar a diligência na sua rota normal.

E assim foi, problema após problema, até o cair da noite e sem chegar ao destino.

Os passageiros, sonolentos e irritados, tentavam cochilar ou conversar sobre qualquer assunto dentro do pequeno espaço da diligência. Um lampião de querosene, balançando no teto sobre suas cabeças, dissipava em parte a escuridão, criando uma atmosfera lúgubre e dando aos rostos dos viajantes um ar um tanto quanto fantasmagórico.

Normalmente nenhuma diligência viajava à noite, de forma que aquela era a única luz que o cocheiro, McKenna, tinha à disposição para os passageiros. Outro lampião, no exterior da carruagem, junto ao assento de McKenna, sacolejava ao ritmo trepidante da diligência e a luz amarelada dava aos rostos do condutor e de seu ajudante uma aparência demoníaca.

A conversa entre os dois homens a esta altura da viagem também não era muito animada, combinando com a expressão apreensiva de seus rostos.

— Não estou gostando nada disso — confessou McKenna.

— Isso você já falou antes — foi a resposta de seu companheiro.

— Já sei, caramba — queixou-se o veterano condutor de diligências. — Mas é a pura verdade, Trumball. Não estou gostando mesmo nada disso.

— Estou surpreso de que um homem como você esteja com medo.

– Medo? – O cocheiro encolheu os ombros,
– Talvez seja e não fico ofendido que você tenha me dito isso. O fato é que não estou com medo dos índios ou dos bandidos. É algo pior, muito pior.

– Você não está com medo da escuridão... de fantasmas, está? – perguntou Trumball com um tom gozador.

– Pois bem. Mesmo que não aceite, é isso aí – retrucou McKenna. – Você não entende porque está trabalhando há pouco tempo, na Companhia. E também aqui, em Dakota do Sul.

– Entender o quê?

– Ah, deixa pra lá – esbravejou o cocheiro, levantando o braço bruscamente e estalando o chicote no ar para forçar os cavalos a irem mais depressa, – Você não ia entender ou, então, ia achar que estou bêbado... ou sou louco.

– Eu já ouvi falar muitas coisas sobre Virgil McKenna – sorriu Trumball. – Mas, que me lembre, nunca que era louco.

– Mas bêbado, sim – riu sarcasticamente o cocheiro. – Falaram isso de mim quando eu a vi; que estava mamado.

– Quando viu o quê, McKenna?

– Deixa isso pra lá – resmungou o cocheiro balançando a cabeça. Franziu a testa, olhando a sua frente as formas agrestes, ressecadas e duras que formavam as Bad Lands, ou as terras ruins de Dakota do Sul. Depois, disse: – Ainda nos falta pelo menos uma hora para chegar. E com esta noite tão escura...

– Me falaram que você conhece o caminho como a palma da sua mão...

– E é verdade. Mas não gosto de viajar à noite. Ninguém gosta. Menos ainda nesta região...

A diligência continuava seu caminho. Ao longe, um clarão rasgou o céu, desenhando com mais nitidez os perfis abruptos dos penhascos contra o céu nublado. Sinal de que se aproximava uma tempestade, ou pelo menos uma ameaça. Os cavalos inquietavam-se ainda

mais e resfolegavam tirando forças da fraqueza, parecendo atemorizados por galopar à noite como o próprio McKenna de conduzir a diligência naquele horário.

Dentro do veículo, as coisas não eram muito diferentes, a julgar pela conversa dos passageiros debaixo da luz tênue do lampião.

– Nunca viajei à noite num destes malditos trastes – confessava um tipo rechonchudo e gorducho que suava por todos os poros.

– Eu também não – respondeu uma circunspecta dama vestida de negro que acompanhava, com evidente zelo, uma comportada jovem, sempre calada, de cabelos loiros e suave beleza.

– Certamente, este atraso não é normal – admitiu uma voz grave no canto da carruagem, junto a uma das janelas. – Mas devemos levar em conta tudo o que aconteceu nesta viagem.

Outro passageiro, demonstrando certa preocupação, falou com voz ligeiramente trêmula:

– Creio que nenhum dos senhores conhece a história, não é mesmo?

– Que história? – perguntou interessado o homem gordo.

– A da diligência-fantasma.

– O quê? – saltou assustada a dama de negro.

– O que ouviram: a diligência-fantasma. É tão famosa por estas bandas como são famosas as lendas do lobisomem e dos vampiros na Europa.

– E como todas as lendas, deve ser uma perfeita mentira, imagino eu – comentou um sexto passageiro com um tom incrédulo na voz.

– Engana-se – retrucou seriamente o que mencionara a diligência-fantasma. – Ela é tão verdadeira quanto esta que nos conduz agora. Eu mesmo a vi uma noite.

– O senhor? – sorriu o outro, duvidando. --Tem certeza? Dizem que a imaginação faz milagres...

– Pode dizer o que quiser que não me ofende. Outros me chamaram de bêbado quando contei esta história. Não ligo para o que possam dizer. Sei que a vi, e isso é o bastante para mim.

– Então, por favor, nos explique como é essa diligência. E qual é a diferença entre ela e esta, por exemplo, – pediu delicadamente o gorducho.

– Usarei poucas palavras: aquela diligência parecia surgir do inferno com um brilho fantástico, sobrenatural, como se viesse diretamente das chamas de Lúcifer. E em cima dela, bem visível, podia se reconhecer o cocheiro mais famoso que cruzou as terras de Dakota: Johan van Cleef, com sua ruiva cabeleira ao vento, seu rosto barbudo sempre satisfeito. Ele amava sua profissão e ficou com ela por toda a eternidade.

A dama de negro não pôde evitar um estremecimento:

– Quer dizer... que esse homem está condenado a vagar para sempre com a diligência

por estes desertos? – perguntou-ela fazendo o sinal da cruz.

– Sim, madame. Essa é a questão. Johan van Cleef, um imigrante holandês, o melhor cocheiro de todo este território, percorrerá pelo resto dos séculos as rotas de Dakota do Sul no alto da diligência-fantasma. É o que todos dizem.

– E quem garante que esse tipo que o senhor viu era Van Cleef e não outro parecido? – perguntou aquele passageiro mais incrédulo,

– Ninguém se parecia com Van Cleef, senhor. Grandalhão, ruivo, com uma vastíssima cabeleira ao vento, rosto feroz, enorme barba, grande nariz em forma de gancho, mãos de Hércules... e sempre com sua camisa vermelha. Mesmo que estivesse a 1,5 quilômetro de distância, ninguém o confundiria.

– É curioso... – comentou com voz tranqüila o passageiro que estava sentado no canto da diligência, junto a janela.

– O que é curioso? – indagou o gorducho voltando-se para ele.

– Esta história. Me faz pensar em outra bastante parecida que ouvi uma vez. Só que tinha um barco como personagem, não uma diligência. Serviu para que um tal Richard Wagner, lá na Europa, compusesse uma grande ópera.

– O Navio Fantasma – disse alguém que até então não havia se pronunciado. – A história do Holandês Errante...

– Muito bem, senhorita – interrompeu o homem do canto voltando-se para a jovem loira. – Vejo que sua cultura é ampla...

– Minha família procede da Europa, cavalheiro – respondeu ela com um leve sorriso. – Conheço bem essa história do holandês que vagou eternamente pelos mares, a bordo do navio-fantasma, pagando assim a sua blasfêmia. Isso é curioso, não?

– Tem razão senhorita. A semelhança é notável. Outra vez um holandês, agora vagando no alto de uma diligência... Alguém sabe se esse

cocheiro-fantasma fez algum mal durante a vida?

— Sim — afirmou aquele que tinha visto a aparição. — Um dia, a diligência de Van Cleef estava atrasada e, não querendo perder tempo diminuindo a marcha, atropelou e matou um menino em plena rua principal de Cactus Fiat. Os advogados da Companhia tiraram ele da encrenca alegando um simples acidente, mas todo mundo sabia que Van Cleef poderia ter evitado o atropelamento.

— Estão vendo? — sorriu o incrédulo. — Tudo faz parte de uma lenda, de um relato de fantasmas com finais moralizadores, como a lenda do Navio Fantasma que este cavalheiro citou. Não creio numa só palavra desta história.

— Azar seu — suspirou a testemunha da aparição. — Dizem que os que menos acreditam nesta história são os primeiros a ver a diligência. Foi o que aconteceu comigo. Eu também não acreditava, mas logo deixei de duvidar por completo. A vi a pouca distância, com seus

cavalos do inferno cavalgando em total silêncio por estes mesmos caminhos que agora estamos cruzando... Deus queira que esta noite ela não apareça.

– Deus nos livre! – concordou a dama de negro fazendo novamente o sinal da cruz.

Lá fora, o cocheiro Virgil McKenna, possivelmente o melhor no seu ofício desde a desapareição de Johan van Cleef, parecia estar pensando o mesmo que os passageiros.

Instigava os cavalos com impaciência, desejando cobrir o quanto antes a distância que os separava de Cactus Fiat, seu ponto de destino daquela noite, em pleno coração das Bad Lands. Os esporádicos relâmpagos seguiam iluminando a distância com fracos clarões, enquanto as pesadas nuvens, sem chegar a descarregar uma só gota de chuva, flutuavam sobre eles como densos fantasmas.

– Estamos recuperando alguns minutos, mas muito poucos – comentou McKenna entre os dentes.

Ao seu lado, o ajudante e companheiro de viagem, Trumball, fez um inoportuno comentário sorrindo ironicamente:

– Tenha cuidado. O holandês Van Cleef também gostava de correr e isso o levou à condenação eterna.

– Muito engraçado – retrucou McKenna furioso. – Se repetir isso outra vez, deixo você plantado no meio do caminho.

– Me desculpa, McKenna – se apressou a dizer Trumball. – Não quis te chatear.

– Mas chateou. É como mencionar a corda na casa do enforcado. Dizem que é só se pronunciar o nome desse condenado holandês, que ele aparece com sua carruagem de fogo.

Mal disse essas palavras, como se fosse uma premonição, Virgil McKenna e Trumball viram diante de seus olhos, como surgida do nada, materializada repentinamente na escuridão da noite, uma carruagem fosforescente, avermelhada, passando pela encruzilhada

próxima a todo galope, de cujos cavalos também desprendiam um brilho assustador.

– Deus nos ajude! – gritou McKenna, freando bruscamente a diligência, enquanto os animais empinavam com relinchos aterrorizados. – Aí está ela!

Era um espetáculo de horror. Aquela carruagem resplandecente, com um cocheiro enorme, ruivo, agitando seu também luminoso chicote que caía uma ou outra vez sobre o lombo dos cavalos. E, o que mais causava espanto é que, embora o cocheiro parecesse gargalhar, não se ouvia um único som de sua garganta. Nem um só casco daqueles cavalos infernais produzia o mais leve ruído ao tocar o chão áspero e pedregoso daquela região.

Dentro da diligência, mudos, imóveis, oito viajantes assistiam cheios de pavor à impressionante cena que tomava lugar diante de seus olhos.

A diligência-fantasma passou velozmente na frente deles perdendo-se pelo caminho que

cruzava aquele pelo qual eles seguiam em direção a Cactus Fiat.

Mesmo assim puderam ver cabeças humanas aparecendo pelas janelas da carruagem, figuras imóveis, rígidas, dentro do veículo. Pôde-se vislumbrar uma mulher com um bebê nos braços, um homem magro vestido de negro, um pele-vermelha de largas tranças negras e uma tira colorida na testa.

Tão repentinamente como surgira, a diligencia espectral desapareceu na escuridão da noite, sem deixar rastro de sua passagem como se nunca tivesse estado ali. Ninguém soube dizer como ela sé esvaiu, mas o fato era que o caminho agora estava deserto, escuro como antes.

As trevas pareciam ter engolido a carruagem dos malditos.

Dentro da diligência de McKenna, a dama de negro tinha desmaiado e era acudida pelos companheiros de viagem. O homem que não acreditava em aparições, pálido e

impressionado, olhava para fora da janela sem nada enxergar.

E, em seu canto, o homem da voz grave permanecia quieto, calado, contemplando a escuridão da noite sem fazer comentário algum, impassível, como se não tivesse visto nada. Mas o certo é que seus olhos negros refletiam certa preocupação.

Capítulo 2

Quando a diligência parou em Cactus Fiat, empregados e passageiros da Dakota Overland conversavam em tom agitado, apesar do adiantado da hora. O xerife Vicent Dekker, sonolento, recém-acordado pelo gerente da Companhia, Ned Hamlin, procurava acalmar os ânimos dos assustados viajantes.

– Está bem, está bem, pessoal – dizia Dekker. – Os senhores viram a diligência-fantasma. E daí? Isso não é nenhuma novidade, muita gente já viu. Não se pode fazer nada quanto a isso.

– Nada? – perguntou aquele passageiro que era o mais incrédulo antes da aparição. – Por acaso o senhor já investigou o assunto a fundo, xerife, para ver se não se trata de uma farsa para amedrontar as pessoas?

– Não diga besteiras – respondeu o homem da lei ríspidamente. – Aqui na região ninguém seria idiota para divertir-se desse modo. Além do mais, como se poderia fazer uma diligência andar silenciosa, reluzindo como se tivesse saído do inferno, aparecendo e desaparecendo misteriosamente? Como se ressuscitaria os mortos para fazê-los viajar novamente na carruagem?

– Mortos? Será que estavam mesmo mortos? – perguntou o homem gordo, limpando o suor do rosto com um lenço.

– É isso mesmo, senhor – afirmou Dekker gravemente. – Van Cleef, o cocheiro, há um ano, viajava com uma série de passageiros quando sua diligência foi atacada e incendiada por um bando de índios. Quando a encontramos, só restavam escombros e corpos carbonizados; até os cavalos foram mortos. O senhor conseguiu ver alguém no interior da diligência-fantasma?

– Sim – afirmou o gordo. – Uma mulher com um bebê nos braços...

– Eu vi um homem magro vestido de preto – disse a dama de negro.

– E eu um índio de tranças e tira na cabeça – completou o incrédulo.

– Exatamente, senhores: a sra. Barnes com seu bebê, o sr. Williams, nosso agente funerário; e Búfalo Cinzento, o índio da tribo dos sioux, contratado como guia do Exército. Todos viajavam nessa diligência e morreram assassinados naquela última viagem, cozidos e flechados. Eles, e todos os outros, seguem agora viajando por toda a eternidade na diligência amaldiçoada.

– Senhores, eu gostaria de dizer que tudo isso não é verdade. É pura superstição – argumentou um homem jovem, ruivo, de olhos azuis e amáveis, elegantemente vestido. – Sou Ned Hamlin, gerente da Dakota Overland nesta cidade. Infelizmente, o fenômeno visto pelos senhores se repete de vez em quando, e não

posso negar sua existência. No entanto, concordarão comigo que esta aparição não fez mal a ninguém, limitando-se a passar na frente de nossa diligência, não é mesmo?

— É verdade — concordou a dama de roupas negras. — Mas confesso que desmaiei de terror, sr. Hamlin.

— Isto é normal, minha senhora — respondeu o jovem gerente, curvando-se na frente da dama. — E eu lamento muito. Se minha Companhia puder fazer algo pela senhora...

— Não, obrigada. Os cavalheiros já cuidaram gentilmente de mim. Mas confesso que não pisaria de novo em Dakota se não fosse porque tenho de acompanhar a senhorita.

— Esta é a sra. Prentiss, minha acompanhante — explicou docemente a moça loira ao gerente. — Viemos a Dakota por causa de importantes questões pessoais. Por isso, não posso ir embora agora de Cactus Fiat. Aqui é meu destino.

— Entendo, senhorita. Por acaso veio encontrar-se com familiares? — indagou Hamlin com sua mais correta e complacente expressão.

— Não — respondeu a jovem olhando Hamlin de uma maneira divertida. — Eu vim tomar posse desta empresa, aliás da sua empresa, a Dakota Overland Mail & Co. Eu sou Leslie Harwood, a herdeira de todos os bens do finado Stephen Harwood, compreende?

O gerente ficou boquiaberto, olhando a jovem com ar abobado. Falou, então, com voz insegura, humilde:

— Céus, senhorita, nunca pude imaginar... recebi seu telegrama assinado Leslie Harwood, mas nem de longe me passou pela cabeça que... que fosse uma mulher, a herdeira desta Companhia.

— Pois assim é, sr. Hamlin — sorriu ela.

Os passageiros se olhavam surpresos. Que aquela doce criatura fosse a atual proprietária da Dakota Overland Mail & Co. parecia-lhes tão inacreditável como ao próprio Hamlin.

Somente um dos ocupantes da diligência recém-chegada a Cactus Fiat se manteve tranqüilo ao ouvir aquilo: o homem sério, de olhos escuros, cabelo negro e rosto bem-feito que ocupava o assento do canto, junto à janela.

Quando ouviu a jovem falar aproximou-se, tirando o chapéu cortesmente e se inclinou na frente de Leslie Harwood, dizendo:

— Veja só como são as coisas, senhorita. Viajamos juntos sem saber quem era quem nesta diligência. A senhorita é a nova proprietária e eu sou...

Não chegou a terminar a frase. Nesse instante, na rua principal de Cactus Fiat, ouviram-se disparos, cavalos galopando e gritos roucos, porém fortes.

Passada a primeira surpresa, os passageiros se jogaram ao chão, imitados logo em seguida pelos empregados. Alguns disparos quebraram os vidros do escritório da Dakota Overland e levantaram lascas nas paredes de madeira. O

xerife Dekker soltou uma praga e lançou-se até a porta do escritório. Irritado, disse gritando:

– Aí estão de novo estes desordeiros! E sempre contra o escritório desta Companhia!...

Saiu para a rua aos berros, disparando a sua arma.

– Alto, em nome da lei! Soltem as armas e entreguem-se! É uma ordem! Sou o xerife Dekker e...

Sonoras gargalhadas cortaram as palavras de Dekker, ao mesmo tempo em que uma nova saraivada de balas passava por cima das cabeças dos assustados passageiros. Uma das balas arrancou o Colt da mão do xerife, que soltou um gemido enquanto sua arma voava longe. Evidentemente, sua presença não havia impressionado muito os pistoleiros.

Dekker voltou correndo para o escritório da Companhia, enquanto novos disparos arrebentavam mais vidros. O homem da lei parecia tão assustado quanto contrariado.

– É inútil! – falou. – São pelo menos oito ou dez, e todos armados! Não se pode fazer nada contra essa praga de gente!

O homem de cabelo escuro não tinha falado nada até aquele momento. Mas era o único que, em vez de atirar-se ao chão como todos os outros, ficou encostado a uma parede.

De repente, rápido como uma flecha, correu até a porta. Quando a alcançou, apareceram por debaixo de sua capa negra, como por encanto, dois enormes revólveres calibre 45.

Saiu para fora, da mesma forma como fizera o xerife, mas sem falar uma palavra. Mal pisou a rua, seus revólveres rugiram furiosamente. Os largos canos escuros de suas armas soltaram chamas na noite.

O bando, do outro lado da rua, não estava preparado para uma reação tão rápida: dois homens caíram da sela, atingidos de surpresa pelas balas do viajante. Um outro tentou esboçar um rápido ataque, mas o atirador solitário se voltou veloz disparando: o homem caiu do

cavalo com o ombro destroçado. Um quarto indivíduo tentou ainda fazer mira na escuridão, com a idéia de disparar um tiro certo. Novamente o viajante foi mais rápido, pulverizando a mão do bandoleiro com dois tiros que fizeram seus dedos saltarem.

Ao ver cair quatro homens, os outros cinco que sobraram ficaram um tempo parados, perplexos. Reuniram-se todos e, juntos, avançaram com armas em punho.

Foi um erro da parte deles. Ali, próximos uns dos outros, tornaram-se um alvo fácil. O solitário atirador sorriu ferozmente e fez suas armas rugirem novamente: uma, duas, três vezes.

O bando ficou reduzido a uma dupla de assustados indivíduos, enquanto outros três gemiam no solo, feridos por aquela arma implacável.

Foi o sinal de retirada.

Os dois partiram a todo galope, enquanto seus comparsas feridos tentavam montar seus

cavalos como podiam, deixando o campo de batalha sem mais resistência, seguidos a duras penas pelos feridos.

O estranho, vendo-os partir num galope desenfreado, começou a rir. Levantou um dos revólveres e fez mais uns disparos para o ar, gritando com voz potente:

– Voltem outro dia aqui, e nenhum de vocês sairá com vida.

Em seguida regressou calmamente para o alpendre do escritório da Dakota Overland, recarregando suas armas com balas que retirava de seu cinto, até aquele momento, invisível, debaixo da sua capa negra. O xerife olhou-o espantado. Ned Hamlin também. E Virgil McKenna sacudiu a cabeça, admirado:

– Macacos me mordam se já vi alguma vez alguém tão rápido com duas armas nas mãos. E olhem que já vi muitos pistoleiros na minha vida.

– Senhor, lhe agradeço por isso – disse humildemente o xerife. – Se eu soubesse atirar

assim, seria famoso por toda Dakota do Sul. Por que arriscou sua vida por nós?

— É meu dever — sorriu o forasteiro colocando suas armas no coldre e abotoando a capa como se nada tivesse acontecido. Virou-se para a espantada Leslie Harwood, emendando com o mesmo tom cortês de antes: — Não pude apresentar-me por completo, srta. Harwood. Quando esses bagunceiros nos interromperam, ia dizer-lhe que sou o homem contratado para defender os interesses da sua Companhia. Meu nome é Clint Jordan, e venho de North Platte, Nebraska.

— Então o senhor é Nebraska Jordan! — exclamou o xerife estupefato. — O famoso pistoleiro de North Platte!

— Eu mesmo, xerife — disse sorrindo. — Mas, apesar de ser um pistoleiro profissional, nunca estive fora da lei. Trabalho com ferrovias, diligências, bancos ou para qualquer empresa que esteja passando por problemas.

– E eu, conhecedora de sua fama, o contratei enviando minha petição a North Platte, Como não nos conhecíamos, acabamos por viajar juntos sem saber quem era o outro – completou sorridente Leslie Harwood.

Em seguida, estendeu a mão ao rapaz, com um sorriso de satisfação, e disse:

– Ainda bem que está aqui, e não o digo à toa. Eu lhe escrevi contando que minha Companhia estava com dificuldades e, como vê, não exagerei...

– E, como a senhorita viu, conheço meu trabalho. Esses desordeiros não voltarão a incomodá-la mais. Levaram a lição que mereciam.

– Oxalá esteja certo. Mas alguém vai ficar bastante aborrecido quando souber que esses tipos se foram – sentenciou o xerife Dekker, com ar preocupado. – Há pessoas nesta comarca que querem ver a Dakota Overland falida. Isto é evidente.

– Nem precisa dizer isso, xerife – admitiu Clint Jordan, fixando seus olhos astutos no representante da lei. – Mas... quem exatamente?

– Eu diria que só pode ser Nelson Starret – disse Ned Hamlin com um suspiro.

Capítulo 3

– Quem é Nelson Starret?

Clint Jordan fez a pergunta na mesa do restaurante onde Ned Hamlin os levou para um tardio mas reconfortante jantar, na rua principal de Cactus Fiat.

Na sua frente sentou-se Leslie Harwood, a sua direita Ned Hamlin e a sua esquerda a sra. Prentiss, a inseparável acompanhante da herdeira.

– Bem, não é fácil explicar, Jordan – admitiu o gerente, tomando um gole de vinho.

– Mas, em linhas gerais, Starret é o homem mais rico da comarca. Isso não significaria nada, se não fosse o fato de que ele conseguiu a concessão de uma nova linha de diligências. O problema é que essa concessão poderá valer também para as linhas da Dakota Overland, em determinadas circunstâncias.

– Que tipo de circunstâncias?

– Por exemplo, se a Companhia não garantir adequadamente a segurança de seus passageiros; ou então se houver graves irregularidades.

– E que tipo de problemas a empresa está enfrentando atualmente?

Hamlin suspirou e olhou para Leslie Harwood.

– Diga a senhorita. É melhor.

– Tem razão, Hamlin. – E Leslie olhou para Jordan, começando a falar com simplicidade. – A herança que papai me deixou está longe de ser um bom negócio. A Companhia dá prejuízo e está cheia de dívidas. Além disso, meu pai não me deixou nenhum dinheiro.

Leslie Harwood fitou Jordan com os olhos cor de âmbar e continuou:

– E esse tal Starret fez uma oferta de 100 mil dólares para comprar a Dakota Overland. Se não aceitarmos, ele esperará que a gente não tenha mais condições de cumprir o contrato com o

Território de Dakota para ficar com a Companhia sem pagar um centavo.

– Neste caso, por que não vende a empresa? A senhorita não teria mais problemas e ainda por cima embolsaria 100 mil dólares.

– Moralmente não posso, sr. Jordan. Jurei a meu pai continuar com o negócio que ele fundou e que tanto amava. Ele morreu convencido de que eu o faria. Sou uma mulher de caráter, além do mais sou uma Harwood, igual ou melhor que um homem. Não me dou por vencida e não vou me entregar sem lutar.

– Tudo isto é muito louvável, senhorita, mas 100 mil dólares por uma empresa na ruína, cheia de dívidas... – falou o gerente.

– Um momento! Eu acho que a srta. Harwood tem razão e deve prosseguir sua luta. Eu a entendo. O que há com você, Hamlin? Está do lado de Starret?

– Céus, não! Claro que não. – Hamlin enrubesceu até a raiz dos cabelos vermelhos, que

formaram com a pele um só conjunto. – Como pode pensar uma coisa dessas, Jordan?

– Foi só uma pergunta, meu amigo – disse friamente o pistoleiro, bebendo um pouco de vinho. – Não gosto de traidores e principalmente ao meu lado. Aquele que trair a srta. Harwood estará me traindo também. Entende, Hamlin?

– Claro, claro... – afirmou o jovem gerente, engolindo em seco.

– Sr. Jordan, quero dizer que apesar de haver antecipado uma parte do pagamento, talvez demore um pouco até pagar-lhe o resto – falou a moça. – Se não estiver de acordo, podemos anular nosso contrato.

– Nem pense nisso. Já recebi uma parte antecipada, e isto me basta. Receberei o resto quando puder me pagar. Agora, o importante é não perder a concessão da diligência.

– Obrigada por sua compreensão, sr. Jordan – disse Leslie emocionada.

– Faz parte de meu trabalho, já que vim aqui para ajudá-la. E, por favor, não me chame de sr. Jordan. Pôde me chamar Clint.

– De acordo – assentiu ela risonha. – Gostaria que me chamasse Leslie. Já basta minha acompanhante que a todo momento me chama srta. Harwood.

– Mas você é minha patroa...

– Não queria ser apenas sua patroa, Clint. Queria ser sua amiga também – disse ela colocando a mão delicada sobre o ombro do pistoleiro. – Isso é possível?

– Claro – ele a fitou com olhos penetrantes. – Não só é possível, como é muito agradável para mim.

E, mudando repentinamente a conversa, dirigiu-se a Ned Hamlin que quase se engasgou com um pedaço de torta de morangos ao ser interrogado por Jordan:

– Hamlin, quem eram os mascarados que atacaram o escritório?

– Bem... – gaguejou o gerente. – Como o senhor mesmo disse, estavam mascarados. E sempre estão quando nos atacam. Mas é fácil supor que é gente de Starret enviada para acelerar a queda da Companhia. Que eu saiba, ninguém mais teria interesse em nos prejudicar.

– Nunca ninguém prendeu esses desordeiros?

– Não, nunca. O senhor viu que pouco-caso fizeram de nosso xerife. Pelo menos até esta noite. Por isso ele disse que alguém ficaria aborrecido esta noite. Claro que se referia a Starret, que se for interrogado irá negar tudo.

– Entendo... – Jordan tomou mais um gole de vinho, com olhar pensativo. – Com certeza... a diligência-fantasma também deve prejudicar muito a Companhia...

– A... diligência? Bem, claro... Ninguém gosta de encontrar-se com fantasmas no meio da noite. Mas não creio que lá do Além tentem prejudicar a Dakota Overland, ora...

– E se fosse tudo uma farsa para provocar medo na região e principalmente nos passageiros da linha? – sugeriu Jordan.

– Mas todo mundo viu a diligência esta noite – argumentou Leslie. – Você acha que era realmente uma farsa?

– Não sei o que dizer. Parecia realmente uma aparição, mas eu não acredito nessas coisas.

– Eu também não... até esta noite – disse a jovem com voz grave. Depois, olhou risonha para sua acompanhante. – Não é mesmo, Mathilda?

– Oh, Santo Deus! – A mulher de negro fez novamente o sinal da cruz. – Nem me lembre, srta. Harwood, que eu fico toda arrepiada.

Jordan conteve o riso, trocando um olhar divertido com Leslie. Depois tratou de enfocar o assunto sob outro ponto de vista.

– Suponho que a diligência assaltada e queimada um ano atrás era desta Companhia...

– Foi mesmo – confirmou Hamlin. – O sr. Stephen Harwood tinha acabado de me

contratar. Foi um grave incidente que afetou muito a saúde dele. Seu coração não estava bem e essa desgraça com a diligência precipitou sua morte seis meses mais tarde...

– Naquela época eu era uma menina mimada, educada no Leste com governanta e tudo – suspirou Leslie. – Como papai havia deixado os estudos pagos por seis meses em um colégio de moças, após esse tempo tive de abandoná-lo. Não pude nem mesmo pagar Mathilda, que no entanto não quis deixar-me.

– Eu tenho algum dinheiro que economizei nos anos em que servi seu pai – interrompeu a acompanhante. – A senhorita me pagará, quando puder.

– Eu suponho que você seja maior de idade, não? Embora não pareça...

– Obrigada pelo elogio, Jordan. Tenho 22 anos, mas Mathilda não quer me deixar sozinha no Oeste. Diz que é uma terra selvagem e, pelo que estou vendo, ela está coberta de razão.

— Somente deixarei a srta. Harwood quando ela se casar — afirmou Mathilda em tom nervoso. — Não se pode deixar uma mulher sozinha em uma terra em que bárbaros dão tiros pelas ruas e diligências chegam do inferno.

— Talvez tenha razão, sra. Prentiss — admitiu Jordan, risonho. Olhou seu relógio de bolso e disse: — Bem, acho que é hora de descansar. Vocês têm onde dormir?

— Mas é claro — afirmou Hamlin. — Aprontei a casa que foi do pai da srta. Harwood, em frente ao nosso escritório. O que não tinha previsto era a chegada de um novo... empregado, mas arrumarei um lugar num hotel.

— Não — disse Leslie com energia. — Clint ficará conosco. Ele deve não só cuidar da Companhia como também da minha segurança. Eu e Mathilda ficaremos num quarto e ele no outro.

— Nisso tem razão — afirmou Jordan. — Na verdade, você é a Companhia, e os inimigos dela

podem tentar fazer-lhe algo. É melhor que eu esteja sempre por perto.

– Obrigada, Clint. Acho que não me enganaram quando pedi informações sobre um homem capaz de defender meus interesses. Creio que acertei em contratá-lo.

– Espero que sempre pense assim. – Clint inclinou a cabeça. – Será a melhor prova de que não errou na escolha do homem; e de que tudo terá saído bem.

– Não deveríamos ter aceitado fazer o seguro de sua Companhia, essa é a verdade – queixava-se o cavalheiro de longos bigodes engomados e costeletas compridas enquanto contemplava a fachada do escritório da Dakota Overland, à luz do sol. – Se isso continuar assim, a sua apólice vai nos custar uma fortuna, srta. Harwood.

– Lamento, Wallace – replicou Leslie, com sua habitual coragem e firmeza ao enfrentar os problemas que apareciam. – Você, como representante da Western Insurance Company,

aceitou nos fazer um seguro total um ano atrás, como pude ver nos documentos deixados por meu pai.

– Não há dúvidas, senhorita, mas desde que renovamos a apólice não pararam de acontecer desgraças – lamentou Wallace. – Como antes nunca havia acontecido nada com a Dakota Overland, pensamos que tudo continuaria igual...

– Claro. E os senhores embolsariam o que foi pago pelas apólices sem dar nada em troca – disse ironicamente Clint Jordan. – Belo negócio para os senhores, sem dúvida.

– É lógico que pensamos assim. Todas as companhias de seguros pensam da mesma forma – a voz de Wallace era queixosa. – A verdade é que já demos muito dinheiro a esta empresa: diligências queimadas, atentados, e agora temos de pagar todos estes vidros quebrados e o conserto da fachada do prédio.

– Por que não cobram estas despesas de Nelson Starret? – indagou Jordan, sarcástico. – Afinal, é ele o culpado de tudo o que aconteceu.

– Céus, como poderíamos fazer isso? – disse o agente de seguros, escandalizado. – O sr. Starret é um homem rico, influente, respeitável... e um ótimo cliente nosso, também. Não se pode acusá-lo sem provas, senhor!

– Não me venha com essa, Wallace. Eu conheço tipos como Starret. Tenho certeza de que foi ele quem mandou esse bando fazer estes estragos aqui.

– Eu também penso o mesmo – disse uma voz fria detrás.

Jordan se virou rapidamente, contemplando o recém-chegado.

Era um homem singular. Elegante, alto, rosto bronzeado, feições sérias, olhos escuros e vivos. Tinha os lábios finos e apertados. Seu cabelo preto aparecia debaixo do chapéu claro, de abas largas dobradas para cima, cuidadosamente penteado e as costeletas bem

recortadas. Sua capa de cor bege era impecável, um colete floreado combinando com a calça marrom e botas lustrosas da mesma cor. Completando sua elegante indumentária, levava uma bengala preta com cabo prateado.

– Permitam que me apresente – disse o desconhecido, encarando Clint: – Meu nome é René Laverne. Sou de New Orleans, Luisiana, e moro neste lugar há dois anos. O senhor é novo por aqui, cavalheiro...

– Meu nome é Clint Jordan. Alguns me chamam de Nebraska Jordan – sorriu ele. – E não sou nenhum cavalheiro: sou um pistoleiro profissional.

– Mesmo assim, prazer em conhecê-lo – sorriu o outro, estendendo a mão. – Espero que sejamos bons amigos, já que sentimos tão pouca simpatia por Nelson Starret.

– Assim espero, também. E já que seremos amigos, vamos esquecer a palavra senhor... – Apertou aquela mão forte, apesar do aspecto

refinado do recém-chegado. — Posso saber qual é a sua ocupação?

— Mas é claro! O mesmo negócio que Starret, ou seja, compra e venda de cavalos. Mas enquanto ele negocia em grande escala, vendendo animais até para o Exército dos Estados Unidos, eu sou mais modesto, me dedicando apenas a vender às Companhias de diligências. Tenho uma habilidade especial para capturar e domesticar cavalos selvagens.

— Hamlin me disse que o sr. Laverne é nosso fornecedor de cavalos — informou Leslie, cumprimentando o cavalheiro de Luisiana. — O que não sabia era que Starret se dedicava também a esse negócio.

— Na verdade, essa foi a maneira como iniciou o seu negócio — explicou Laverne. — Com o passar do tempo, começou a contratar bandoleiros para roubar cavalos, marcando-os de forma especial de modo que as marcas se adaptassem à anterior e revendendo-os, às

vezes, aos proprietários roubados. Desse homem se pode esperar tudo.

– E agora decidiu ampliar seus negócios, tornando-se dono de uma empresa de transporte – disse Jordan, pensativo.

– Assim é – concordou, o vendedor de cavalos. – Tem a concessão para operar a South Mail Stage Coach, mas para fazê-la rentável precisaria fazer também a linha Fort Pierre-Rapid City... que por acaso é coberta pela Companhia da srta. Harwood. Isso explica muitas coisas, não acha?

– E muito – concordou o pistoleiro. – Mas parece que o sr. Wallace, da Western Insurance Company, não pensa da mesma forma...

– Dá no mesmo. – Laverne virou-se e olhou para o agente de seguros rindo ironicamente. – Aqui está cheio de ratos que seriam incapazes de mexer um só dedo contra Starret, simplesmente pelo medo que têm dele.

– Eu vou embora – disse Wallace, apressado. – Srta. Harwood, pode contar que a

Western Company vai consertar tudo. Mas, por favor, tenha mais cuidado daqui para a frente.

– Não se preocupe, teremos – riu Nebraska Jordan, cinicamente. – Diga ao seu cliente, o sr. Starret, que será melhor que ele faça um seguro de vida para seus homens. Mas eu aconselho que a Western não cubra esse seguro... Ela poderia ir à falência.

E soltou uma gargalhada quando viu a cara espantada que o agente de seguros fez antes de afastar-se.

– Quer tomar um drinque comigo, Jordan? Eu lhe convido...

– Não, obrigado René. Tenho muito trabalho a fazer esta manhã com a srta. Harwood. Afinal de contas, eu sou o empregado dela.

– Ora, Clint, vamos lá... – disse ela. – Inclusive eu aceitaria com prazer, sr. Laverne.

– E eu a convidaria encantado, mas... temo que seja impossível, senhorita – murmurou o homem de Luisiana. – No bar de Cactus Fiat

não se admitem damas. Nem que seja apenas para tomar um refresco...

– É um péssimo costume. Isso é uma ofensa para as mulheres – declarou ela, com altivez. – Se um lugar é bom para um homem, desde que seja decente, é bom também para uma mulher. Irei com vocês de qualquer maneira!

– Faça como quiser! – Laverne encolheu os ombros. – Mas pode ser que arrume problemas. O dono do bar e alguns de seus clientes não são pessoas muito recomendáveis... especialmente quando contrariados.

– Estamos em um país livre. Discriminar as mulheres é tão ilegal quanto vergonhoso – declarou Leslie com arrogância. E começou a andar. – Vamos colocar as coisas em ordem nesta cidade.

Os dois homens trocaram um olhar e encolheram os ombros, saindo apressados atrás dela.

Leslie entrou no bar, empurrando decididamente as portas pintadas de esmalte

vermelho. Deparou-se com uma grande sala, com um balcão a sua esquerda, mesas e cadeiras a sua direita e uma pianola mecânica em um canto.

Os seis homens que ali estavam a olharam incrédulos. Um estava no balcão, quatro bebiam sentados em uma mesa e um outro varria o chão do bar. A jovem foi até o balcão e pediu com energia:

– Eu quero uma cerveja. Meus acompanhantes não sei o que vão querer.

Laverne e Jordan, que tinham acabado de entrar, olharam cautelosos os presentes.

– Eu, um whisky duplo – disse o pistoleiro.

– Eu, um refresco – disse o negociante de cavalos. E, virando-se para o amigo, completou: – Nunca tomo álcool.

O taberneiro apoiou seus musculosos braços em cima do balcão, negando com a cabeça.

– Aos cavalheiros eu sirvo o que quiserem, mas primeiro ela terá de sair deste

estabelecimento. Já sabe, sr. Laverne, que aqui não se admitem mulheres e nem animais.

– Essa é uma frase muito grosseira, senhor – respondeu Leslie. – Comparar uma mulher com um animal, além de ser uma burrice incrível é de terrível mau gosto. E, além disso, estamos ou não num país livre?

– Pare de cacarejar, sua galinha, e caia fora daqui! – gritou um dos clientes. – Não ouviu o Barney? Ele não gosta de ser contrariado. Vamos, fora daqui!

– Outro grosseirão – replicou ela, encarando o homem com audácia. – Escutem todos vocês: sou Leslie Harwood, a nova proprietária da companhia de diligências. Se sou boa o suficiente para dirigir uma empresa, também o sou para tomar o que quiser e onde queira. Exijo que me sirvam. Estou no meu direito.

– Olhem, amigos, será melhor que levem esta dona embora – disse irritado o taberneiro.

– Ou terei de enxotar os três daqui para fora, está claro?

– Um momento – falou Laverne friamente.

– Ninguém vai me tirar daqui.

– A mim também não – completou Jordan calmamente. – E, além disso, concordo totalmente com a srta. Harwood. Vocês são uns animais que não honram as calças que vestem. Quem ofende uma mulher, não pode ser chamado de homem, porque não é homem mesmo.

– O que você está dizendo, seu porqueira?

– brandiu Barney com uma voz cavernosa. – Vão saindo daqui rapidinho, senão vou tirar vocês a pontapés. Falei claro?

Laverne e Jordan trocaram olhares. Leslie, encarando o taberneiro, pegou uma caneca. Abriu uma cerveja e começou a servir-se.

– Já que ninguém me serve neste bar, eu mesma o farei. E parem de brigar por minha causa.

Nesse momento, o dono do bar cometeu um erro.

Barney demorou alguns instantes para se refazer da surpresa ao ver a atitude daquela garota loira, frágil mas decidida, que não tinha nenhum medo de enfrentá-lo. E reagiu com violência, dando um safanão na caneca que ela levava aos lábios, derramando cerveja sobre o vestido e o rosto. Não satisfeito com o que fizera, deu um empurrão em Leslie, arremessando-a contra a parede,

– Fora daqui! – berrou o exaltado homem.

– Não vou repetir mais.

– Você adivinhou, meu amigo. Não vai repetir isso nunca mais – disse friamente Nebraska Jordan.

E, de repente, desfechou um murro certo com a direita. Foi um impacto fulminante no queixo de Barney, que sentiu a mandíbula estalar ao quebrar-se o osso, enquanto era lançado de costas contra as prateleiras das bebidas; Depois, caiu estatelado no chão, com o

queixo pendurado e algumas garrafas quebradas a sua volta.

Os clientes do bar interpretaram isso como uma declaração de guerra, precipitando-se sobre os acompanhantes da moça. Dois deles pegaram suas facas de caça. Outros três sacaram seus revólveres, mas Jordan foi mais rápido. Virando-se rapidamente, disparou a meia altura, arrancando as armas de suas mãos e fazendo os três homens soltarem um gemido de dor e permanecerem parados no lugar, incrédulos, segurando a mão dolorida.

Laverne, por sua vez, enfrentou os dois indivíduos que atacavam com a faca. Sua bengala teve uma curiosa transformação quando ele puxou o cabo de prata que servia de enfeite e a transformou numa longa e cintilante espada de aço. Com uma hábil estocada, atravessou o braço do homem que estava mais próximo, que soltou um grito agudo, deixando cair sua faca. A brilhante espada do homem de Luisiana cortou o ar mais uma vez fazendo o segundo lutador

deixar também cair a sua arma com a mão completamente ensangüentada, tendo os dedos abertos com um talho enorme.

Jordan já se virava para aproximar-se de Laverne quando um dos homens, aquele que varria o local quando chegaram, foi sorratamente até o canto do bar para recuperar seu revólver caído no chão. Levantou a arma, fazendo pontaria no homem de Nebraska. Este percebeu, mas nem chegou a esboçar qualquer reação. Antes que pudesse fazê-lo, Leslie pegou um banco e jogou-o certamente contra o homem armado. O impacto foi forte, na cabeça, derrubando-o de uma só vez, como se fosse um fardo. Ele não se mexeu mais, ficando totalmente inconsciente.

— Belo golpe — aprovou Clint. — Vejo que sabe defender-se...

— E vocês também — riu ela satisfeita. — Que tal se tomássemos um trago à saúde desses imbecis?

Ante o assombro geral dos vencidos, os três se serviram e brindaram: cerveja, whisky e refresco. Em seguida, Laverne colocou uma nota no bolso do taberneiro, que continuava desfalecido no chão.

– Quando acordar, digam a ele que daqui para a frente é melhor que aceite mulheres no bar – avisou Jordan aos demais. Foi até um cartaz onde se anunciava em letras desiguais:

NÃO É PERMITIDA A ENTRADA DE MULHERES, NEGROS, ÍNDIOS E ANIMAIS.

Arrancou e jogou-o sobre o inconsciente Barney.

Acabaram as bebidas e saíram tranqüilamente de lá.

Uma vez na rua, Leslie se voltou para os dois, sorridente.

– Sei que fui um pouco arrogante, mas não suporto discriminação.

– Eu também não. Os racistas me dão nojo.

– Eu sinto a mesma coisa – riu Laverne. – Afinal, sou mestiço... crioulo, como dizem em

New Orleans. Mas confesso que no fundo nunca me diverti tanto como hoje. Parabéns, srta. Harwood. É uma mulher de grande valor e dignidade.

– Eu digo o mesmo. Cada vez estou mais satisfeito de trabalhar para você.

– Vocês dois são ótimos – suspirou ela. – Gosto muito de tê-los como amigos...

Capítulo 4

– Então quer dizer que vai confiar na minha linha de diligência, sr. Redgrave?

– Isso mesmo, srta. Harwood. Vou confiar na sua Companhia para transportar os fundos do meu banco – disse o diretor geral do South Dakota Limited Bank, com sede em Rapid City.

– Vou declarar o valor dos fundos, o que será sem dúvida uma excelente entrada de dinheiro para sua empresa... e uma segurança para mim.

– Dada as circunstâncias, está sendo muito amável, sr. Redgrave – disse Leslie agradecida.

– Enquanto houver clientes, a Dakota Overland seguirá adiante, apesar de tudo.

– Bem, pelo que vejo, também as pessoas continuam confiando na empresa – sorriu o banqueiro, mostrando com um gesto da mão os passageiros que esperavam as duas linhas de diligência, que deveriam chegar mais ou menos

à mesma hora em Cactus Fiat. — Toda essa gente que vai viajar para Rapid City ou para Fort Pierre, parece que não está se importando muito com o que se fala por aí.

— Isto mesmo, sr. Redgrave — concordou ela, — Entre, por favor. Meu gerente se encarregará dos últimos detalhes referentes ao transporte.

O banqueiro se dirigiu para a porta do escritório, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. Leslie começou a organizar a bagagem e a carga que seus empregados iam trazendo para quando chegasse a primeira das diligências. Nesse instante ouvia-se o galope de cavalos e o fragor das rodas na terra dura e seca, no fim da rua. Todos olharam naquela direção, vendo aparecer a carruagem puxada por meia dúzia de briosos cavalos. Em cima, via-se o cocheiro com as rédeas na mão.

Leslie esperou no alpendre do escritório de sua empresa. De repente, franziu a testa. Havia algo errado na diligência que ia levantando uma

enorme poeira atrás de si. Para estar cruzando a cidade e quase chegando no ponto de parada, ela ia demasiadamente rápido. As pessoas, assustadas, se afastaram com medo de ser atropeladas.

– Clint! – gritou ela alarmada. – Está acontecendo alguma coisa com a diligência de Fort Pierre!

Jordan, que estava na porta do escritório, olhou para aquela direção. Seus olhos se fixaram no cocheiro da carruagem. Correu para o meio da rua. Quando a diligência passou diante dele, saltou temerariamente sobre os cavalos enlouquecidos.

Conseguiu segurar-se no lombo de um deles. Olhou para trás. Como temia, o cocheiro continuava imóvel, com as rédeas frouxas nas mãos. Reparou no filete de sangue que escorria de sua cabeça e rosto.

Saltou para trás, agarrando-se em outro cavalo. Mais um pulo perigoso e estava em cima do último animal, logo à frente da carruagem.

Colocou-se de pé sobre o lombo do cavalo, equilibrando-se para não cair. Deu um salto com impressionante agilidade, caindo finalmente sobre a diligência, ao lado do cocheiro.

Como havia suspeitado, ele estava morto, preso por cordas ao assento.

Segurou fortemente as rédeas, puxando-as com energia até conseguir parar os animais de vez, em meio a uma nuvem de poeira. Imediatamente, as pessoas rodearam o veículo, atraídas pela ousada manobra de Jordan.

Ele saltou ao chão e apressou-se em abrir a porta da carruagem. Um corpo caiu para fora, ficando pendurado no estribo de cabeça para baixo, coberto de sangue. Havia numerosas flechas cravadas no veículo... e também nos seus ocupantes.

Bastou uma simples olhada. Não havia uma só pessoa viva no interior. Todos os passageiros estavam mortos.

– Foram os sioux outra vez! – bradou alguém. – Esses malditos diabos vermelhos voltaram a atacar a diligência.

O pistoleiro arrancou uma flecha, examinando-a com olhar pensativo. Leslie se aproximou, pálida, com gestos angustiados. Olhou para Jordan, inquieta.

– Arriscou-se muito, Clint... Meu Deus, que aconteceu?

– Um assalto sanguinário à diligência. Estão todos mortos.

A notícia se espalhou como fogo na pólvora. Muitos passageiros que esperavam as diligências correram para o guichê da Dakota Co. reclamando a devolução do dinheiro. Hamlin, atrapalhado, saiu à rua seguido pelo banqueiro.

– Mas o que está acontecendo? Que confusão é esta? – indagou o gerente.

– Não vamos viajar na sua empresa nunca mais – protestou um homem raivosamente. – Queremos nosso dinheiro de volta. Não queremos correr o risco de ser assassinados

pelos sioux ou por bandidos. Essa linha não tem a mínima segurança.

Uma olhada do gerente a Leslie e Jordan bastou para que ele soubesse que deveria devolver o dinheiro. Controlando-se o mais que podia, levantou os braços, conciliador.

— Está bem, está bem. Não fiquem nervosos. A Companhia devolverá o dinheiro da passagem de todo mundo. Quanto a sua carga, sr. Redgrave, me ocuparei...

— Acha que sou louco? — interrompeu o banqueiro bruscamente. — Pensava que a linha era mais segura. Não vou arriscar o dinheiro do banco em uma diligência que não se sabe se chegará ao destino. Lamento, mas o negócio está desfeito. Encontrarei uma outra maneira de enviar os fundos.

Leslie ouviu essas palavras. Intrometeu-se rapidamente na conversa.

— Não há problema, sr. Redgrave. Faça como achar melhor. Mas esta matança tem por

objetivo, sem dúvida nenhuma, levar minha Companhia à falência.

— Eu não diria isso, srta. Harwood — negou o banqueiro. — Duvido muito que os índios sioux queiram levar a Dakota Overland à falência.

— E eu, sr. Redgrave, duvido muito também que os assassinos sejam realmente os sioux — argumentou friamente Jordan, aproximando-se com a flecha nas mãos. — Eu diria que nem mesmo peles-vermelhas são...

E, dizendo isto, partiu a flecha em dois, jogando-a ao chão. Redgrave olhou para Jordan e, inventando uma desculpa, se afastou rapidamente a passos largos. Leslie pegou Clint por um braço.

— Deixe ele ir embora. Afinal, depois de tudo que aconteceu, o banqueiro está com a razão. Acho que é o fim da minha empresa... Quem irá confiar em nós agora?

— Escutem, senhores e senhoras! — ouviu-se, nesse instante, uma forte voz no meio da rua.

– Aqui fala um bom amigo de todos! Entendo a preocupação de vocês quanto a pouca segurança com que são obrigados a viajar e enviar suas encomendas! Mas eu garanto que, quando ficar responsável por esta linha de diligências, meus veículos vão oferecer muito mais segurança! Vejam isto!

Jordan, Leslie e o gerente voltaram-se para onde vinha a voz. E foi Hamlin quem disse:

– Era só o que faltava! Nelson Starret em pessoa vem nos dar o golpe de misericórdia... Vejam o que o imundo traz com ele...

Lá estava Starret, um homenzarrão alto, forte, De cabeça raspada, carrancudo, olhos estreitos, nariz em forma de gancho e lábios grossos ao lado de um modelo de carruagem cor verde-claro, cuja porta acabava de abrir, mostrando um interior forrado com chapas de metal. Agitando os braços, mostrou o veículo com um gesto triunfal.

– Vejam meus novos modelos de diligências! Carroceria totalmente blindada, de

forma que é impossível que penetrem nela tanto flechas como balas disparadas de uma certa distância. Nunca houve antes tanta segurança para os passageiros. Assim vão ser as carruagens desta linha desde que eu seja seu diretor.

— Escute aqui, Starret — disse Leslie em voz alta e firme, andando decididamente em direção ao homenzarrão até parar na frente dele. — Está fazendo uma propaganda não somente desleal como também contra as leis do Território. Ainda sou a dona legítima da Dakota Overland e você não pode responsabilizar-se pela propriedade da linha. Portanto, retire esta sua carruagem daqui ou vou denunciá-lo ao xerife por desobediência à Lei.

— O que é? Por acaso está com medo de mim? — riu cinicamente Starret. — Saiba que em poucos dias, se continuar a não garantir a segurança dos passageiros e das encomendas, o Território de Dakota do Sul cancelará a concessão para você operar a linha. Como espera

resolver seus problemas? Além de carruagem mais segura eu ofereço uma escolta... como esta.

Fez um sinal com a mão e por uma rua entrou uma dúzia de homens a cavalo, armada de rifles e revólveres, que se colocou em volta do veículo exposto, numa clara demonstração de poder.

– Assim valerá a pena viajar, amigos – disse um passageiro. – Por que não fecha já sua Companhia, senhorita, e deixa quem realmente entende do assunto cuidar do negócio?

– Sim, é isso mesmo! As mulheres não entendem dessas coisas – completou outro viajante.

Os olhos de Leslie se encheram de lágrimas. Nesse instante, Jordan interveio rapidamente. Avançou, colocando-se diante de Starret, que o olhava ironicamente. O pistoleiro de Nebraska se virou para as pessoas e levantou os braços. Sua voz soou mais potente, clara e contundente que a do outro.

— Escutem, todos vocês — clamou. — Não se deixem enganar. A srta. Harwood está continuando com uma linha de diligências que, fundada por seu pai, já foi motivo de orgulho nesta região. Nem seu pai e nem ninguém poderia ter evitado certas coisas que andaram ocorrendo ultimamente. Dizem que foram os índios que atacaram esta diligência, mas eu garanto que essas não são flechas usadas pelos sioux. — E fixando seus olhos para a figura grandalhona de Starret, continuou: — Eu diria que alguém quer ver a srta. Harwood arruinada e está jogando sujo, chegando até a pagar assassinos vestidos de índios para massacrar os passageiros.

— Ei! Um momento. O que está querendo dizer com isso? — protestou Nelson Starret. — Está me acusando de algo?

— Acho que não citei nenhum nome. Só disse que alguém está tentando fazer um jogo criminoso para que a Dakota Overland feche. Não sei quem é, mas juro na frente de todos

vocês que vou descobrir essa pessoa para dar-lhe o troco que merece. E se querem viajar com mais segurança, de acordo: as próximas diligências vão sair escoltadas por gente armada. E vamos forrar os veículos com placas metálicas.

– Mas... mas você não pode prometer... – sussurrou Leslie aflita.

– Deixe que eu cuido disso – cortou Jordan. – Fique tranqüila, sei o que estou fazendo. E então, senhores? Vão esperar que a empresa mude de mãos, talvez daqui a alguns anos, ou preferem viajar hoje mesmo em carros seguros, garantidos pela Dakota Overland e por mim mesmo?

Os passageiros se olharam entre si. Logo, voltaram em silêncio para o guichê no escritório da Companhia. Clint sorriu, virando-se para Starret, que o olhava com raiva.

– Como espera cumprir essa promessa? – provocou Starret. – Sabe que tudo isso não é possível. Você os enganou...

– Eu nunca engano ninguém – respondeu Jordan. – Agora pode ir embora com seus mercenários. Não tem nada mais a fazer aqui. E pode ser denunciado na Justiça porque você não é concessionário de nenhuma linha regular e não pode oferecer nada a ninguém legalmente.

Starret apertou os lábios. Parecia a ponto de explodir. Por fim, virou-se para seus homens, que permaneciam alinhados em volta da carruagem, e deu uma ordem:

– Tirem a carruagem daqui! Vamos embora! Fiquem sabendo que têm as horas contadas. Vão perder a concessão e aí terá chegado a minha hora – disse, fitando Leslie e Jordan.

– Como vai conseguir isso? Atacando novas diligências? – ironizou o pistoleiro de Nebraska.

O concorrente da Dakota Overland se retirou sem pronunciar uma palavra, seguido por seu bando de homens armados e sua carruagem blindada.

– Esse porco tem razão – disse Leslie, preocupada. – Como espera cumprir as promessas que fez aos passageiros?

– Muito simples. Vou mandar blindar os veículos que vão sair hoje. Estou certo de que o ferreiro de Cactus Fiat pode fazer isso em menos de duas horas.

– Mas e a escolta? Quem irá escoltar as diligências? Não tenho pessoal...

– Sempre se pode contratar um par de grupos armados. Vou cuidar disso pessoalmente.

– Espere. Não há dinheiro em caixa para tantas despesas. Não é possível fazer nada.

– Olhe, Leslie. Tudo não vai custar mais que 300 dólares.

– É que não tenho nem isso.

– Mas eu tenho. Você mandou 1000 dólares como pagamento antecipado, lembra?

– Mas esse... esse é o seu dinheiro, Clint. Você não pode...

— Claro que posso — riu ele. — Faz de conta que é um empréstimo. Você me devolverá o dinheiro quando as coisas melhorarem. Vou procurar o ferreiro e tratar de contratar os homens.

— Clint, Clint... Você é um anjo! — exclamou ela impulsivamente. E, ficando na ponta dos pés, beijou sua face.

Jordan sorriu, começando a andar em direção ao bar. De uma casa, saiu alguém que se aproximou dele.

— Espere, Clint — disse. — Eu quero ajudar. Conheço alguns tipos que cobrarão barato e são bastante bons. Também farei com que Talbot, o ferreiro, faça um bom trabalho sem cobrar muito. É um bom amigo e me deve alguns favores.

— Obrigado, Laverne — respondeu o pistoleiro, olhando aquela elegante figura de Luisiana. — Realmente, eu acho que nós dois vamos acabar sendo bons amigos.

– Pelo menos, já começamos sendo inimigos da mesma pessoa: Nelson Starret. Escutei o que você falou sobre os sioux e estou de acordo. Não foram os índios que atacaram a diligência. Se pudéssemos provar que foi coisa de Starret...

– Não vai ser fácil. Mas poderíamos fazer uma coisa, depois que as diligências partirem.

– O quê, exatamente?

– Explorar a região onde houve o último ataque. Talvez possamos encontrar uma pista, um indício...

– Ótima idéia. Iremos juntos se não se importar.

– Importar? – sorriu o pistoleiro. – Eu ia justamente pedir isso a você.

Capítulo 5

Era um lugar inóspito, sinistro até.

Por todos os lados que se olhava haviam grandes penhascos negros com formas ameaçadoras. As Bad Lands de Dakota do Sul rodeavam aquelas desoladas paragens.

– Olhe, foi exatamente aqui – disse René Laverne parando, de repente, seu cavalo.

Jordan fez o mesmo. Observou o local que seu companheiro apontava com a mão. Era o caminho poeirento das diligências. Havia manchas recentes de sangue na terra em meio a muitas marcas de patas de cavalo. Até uma flecha colorida estava caída em um arbusto no meio dos penhascos.

Os dois homens desmontaram. Laverne montava um alazão branco com uma crina mais branca ainda. Estudaram o solo atentamente. Ambos rastreavam como dois perfeitos guias.

— Não há dúvida. Foi aqui mesmo — confirmou o pistoleiro: — Este sangue tem poucas horas. E podemos ver os sulcos deixados pelas rodas da diligência...

— Olhe só isso! Os cavalos tinham ferraduras — mostrou o homem de Luisiana. — Não poderiam ser índios,

— Claro que não. Eles nunca ferram suas montadas. O senhor sabe muito sobre índios para quem vem de New Orleans. E também sabe rastrear com perfeição...

— É meu sangue índio — sorriu ele, encolhendo os ombros. — Sem dúvida, esse sangue corre nas minhas veias. Veja isso! Também não pertence exatamente a um pele-vermelha.

Tinha se agachado entre uns arbustos, recolhendo algo com as mãos e mostrando a Jordan. Era um lenço negro. Usado, com certeza, no caso de haver algum sobrevivente... Mas um pele-vermelha jamais usaria semelhante coisa.

– Acho que temos uma boa pista – disse o pistoleiro. – Eu...

Neste instante três estouros soaram. O elegante chapéu bege de Laverne voou longe. Jordan sentiu uma bala roçar seu braço esquerdo, rasgando a camisa à altura do bíceps. Algumas gotas de sangue brotaram da pele arranhada pelo projétil.

– Para o chão, rápido! – gritou o homem de Nebraska. – É uma emboscada.

Ambos se jogaram ao solo. Gritaram para os cavalos, de forma que estes se afastaram trotando, escondendo-se entre as rochas.

Novas balas zumbiram em volta deles, ricocheteando nas pedras perto de onde eles estavam deitados.

– São pelo menos cinco – disse Laverne, tirando debaixo de sua elegante capa um reluzente revólver calibre 44. – Estão em toda nossa volta. Claro que nos esperavam.

Jordan concordou, sério. Na sua mão direita, o Colt 45 já estava engatilhado. Disse, sacudindo a cabeça irritado:

– Não gosto que me cacem como um coelho. Temos de sair dessa arapuca.

– Se nos mexermos daqui, nos furam a bala.

– Temos de fazer alguma coisa. Não podemos ficar aqui até a noite.

– Claro que não. Além de tudo, eles poderiam fechar o cerco e acabar com a gente. Precisamos tentar algo. Alguma idéia, pistoleiro?

– Não. Mas já pensarei no que fazer – grunhiu baixinho Jordan, grudado ao chão. Em seguida, levantou seu chapéu usando o cano do revólver como suporte, um pouco acima das rochas. Imediatamente uma saraivada de balas jogou longe o chapéu todo furado. Ele fez uma careta. – As coisas não estão fáceis, hein? São mais de cinco homens com certeza.

– E tem mais uma coisa. Estes disparos vieram da nossa direita. Pelo lado esquerdo temos uns dois ou três. E outros tantos na frente.

Ao todo, devem ser sete homens, se não chegar a oito ou nove. Muita gente para dois homens sozinhos e, ainda por cima, pegos de surpresa — sorriu Laverne.

— Serão os mesmos que assaltaram a diligência?

— Tenho certeza absoluta, Clint.

— Eu também. Assim já sabemos que eles não terão piedade nenhuma. São assassinos natos, que não respeitam nada. E não vão se deixar pegar vivos, porque significaria a força para eles.

— Então, teremos de lutar de qualquer jeito. A vida ou a morte.

— A vida ou a morte — confirmou o pistoleiro. — Faça a cobertura, amigo.

— Que diabos você vai fazer, Clint?

— Cubra-me já! — gritou Jordan.

E saiu das pedras que o protegiam, correndo em ziguezague para a direita. Os tiros encheram o ar. Uma chuva de balas ricocheteou no chão e nas pedras, levantando uma nuvem de poeira.

Porém, Laverne também disparava, não deixando os inimigos melhorarem a pontaria.

Jordan, na sua decisão suicida, se aproximou das rochas da direita, de onde tinham saído os últimos disparos. Apareceram três homens, rifles apontados, prontos para atirar à queima-roupa.

Mas eles desconheciam a rapidez e precisão do pistoleiro de Nebraska.

Mal os viu aparecer por trás das rochas, disparou sem vacilar um, dois, três tiros. Foi o suficiente para três cabeças ficarem arrebetadas. Clint pulou para trás das rochas, olhando sem piedade os três corpos que se agitavam na terra, nos últimos espasmos. Rostos irreconhecíveis pelos estragos feitos pelas balas de calibre 45.

Eram brancos mal disfarçados de peles-vermelhas, com um lenço negro cobrindo seus rostos. Deu um pontapé em cada um deles.

— Miseráveis! — grunhiu. — Assassinos de mulheres e crianças... Pena que vocês não

estejam vivos para falar... — E gritou — Laverne, consegui. Tomei este lado!

— Bravo, Clint — aprovou o homem de New Orleans. — Você é grande.

Daquela posição, ele dominava perfeitamente as outras duas onde estavam escondidos os outros bandoleiros. Recarregou o revólver e sacou o outro. Com as armas nas mãos começou a atirar sem parar sobre os dois grupos de inimigos. Laverne, entendendo suas intenções, deslocou-se acobertado pelos disparos do amigo e procurando uma posição melhor, atrás de rochas mais altas. O tiroteio prosseguia com os dois amigos dominando a situação.

Foi então que, detrás dos penhascos negros, saíram vários homens a todo galope.

O inimigo fugia deixando três baixas. Mas ainda o cavalheiro de Luisiana conseguiu acertar um quarto homem, cujo corpo caiu da sela precipitando-se entre as pedras. Seus companheiros tentaram voltar para socorrê-lo,

porém os disparos de Jordan e Laverne os fez mudar de idéia.

Os dois correram até o lugar onde o bandido havia caído na esperança de encontrá-lo ainda com vida. Mas o disparo tinha sido preciso, atravessando-lhe a nuca. A morte tinha sido instantânea.

— Que pena! Este também não vai falar quem está por trás disto... — queixou-se o pistoleiro. — Vamos levá-lo até a cidade. Esse pelo menos está inteiro. Pode ser que alguém o reconheça.

Carregaram o corpo até onde estavam os cavalos. Pouco depois, chegavam a Cactus Fiat. A entrada deles na cidade deixou todo mundo espantado. As pessoas olhavam boquiabertas o corpo daquele homem branco pintado como um índio, fazendo comentários excitados entre si.

Foram ao encontro do xerife e colocaram o corpo do bandido na porta da cadeia. Em seguida, limparam a pintura do rosto dele para a surpresa do homem da lei.

– Então era isso – comentou Dekker. – O ataque índio era uma farsa...

– Sem dúvida – disse Laverne. – E tenho certeza de que Starret está por trás disso.

– Eu não posso acusar ninguém sem provas – afirmou o xerife. – Afinal, que evidências temos contra ele?

– Nenhuma – admitiu Jordan contrariado. – Conhece este homem, xerife?

– Não, nunca o vi antes por aqui. Talvez seja um mercenário vindo de outra região.

– Talvez – resmungou o pistoleiro. – Em todo caso, vamos deixá-lo aqui no alpendre, para que todos vejam. Pode ser meio macabro, porém é possível que alguém o identifique. Espere um momento que vou fazer algo mais.

Dizendo isto, pegou um papel da sala de Dekker e escreveu nele alguma coisa. Depois, prendeu o papel na roupa do defunto com um alfinete.

O xerife leu, perplexo, o bilhete e resmungou enquanto olhava Jordan e Laverne se afastarem.

– Este homem é fogo! Pensa em tudo, com mil demônios!

De fato, se havia algo que podia dar resultados, era aquele papel na roupa do falso índio:

PAGAREI 50 DÓLARES A QUEM RECONHEÇA ESTE HOMEM. RESERVA ABSOLUTA. CLINT JORDAN.

A promessa da recompensa não tardou a fazer efeito.

Caía a noite quando um homem entrou no escritório da Dakota Overland. Era pequeno, com pouco cabelo e nariz grande e vermelho. Exalava álcool por todos os poros. Cambaleou até onde estava o pistoleiro, que vigiava o escritório enquanto Leslie e Hamlin faziam contas na sala ao lado.

– Se... senhor. Eu... eu já vi este tipo antes. Esse tal pintado como índio – disse o homenzinho com voz mole.

Clint o olhou com alguma desconfiança. Sabia que por 50 dólares qualquer um poderia inventar uma história.

– É mesmo? – perguntou. – Onde você o viu?

– Na cantina do Barney, alguns dias atrás. Entrou para comprar uma garrafa de rum e conversou com o taberneiro. Em seguida foi até a mesa onde estava Moss Fletcher. Ficou conversando com ele em voz baixa por um tempo. E, afinal, foi embora. Fletcher pareceu chateado de que o homem tivesse falado com ele.

– Quem é Moss Fletcher?

– O encarregado dos vaqueiros de Nelson Starret. Um desgraçado, filho da puta. Juro que estou dizendo a verdade.

– Tem certeza de que não era alguém parecido?

– Não, senhor. Não me pague a recompensa se achar que estou mentindo ou que me enganei.

Eu bebo muito, mas tenho um olho especial para lembrar caras. Era ele mesmo.

– Está bem, amigo. Aqui tem seus 50 dólares. Acredito que esteja dizendo a verdade.

– E lhe deu as notas que o homenzinho guardou rapidamente, sorrindo satisfeito.

– Obrigado, senhor – disse. – E tenha cuidado. Fletcher é um bicho ruim.

E foi embora, cambaleando, da mesma forma que tinha chegado.

Jordan olhou pensativo aquela figura se afastar. E falou consigo mesmo, preocupado:

– Poderia estar mentindo, mas acho que disse a verdade. Tudo se encaixa. Trabalham para Starret, com certeza... – Entrou na outra sala para informar Leslie e o gerente o que havia descoberto.

Ela olhou interrogativamente.

– E agora, o que podemos fazer? Isto é uma prova?

– Infelizmente, não – respondeu carrancudo. – É uma prova muito fraca. Diriam

que este pobre homem é um bêbado que não sabe o que está dizendo. E, além de tudo, Moss Fletcher não é Nelson Starret, mesmo trabalhando para ele. E Starret poderia dizer que Fletcher se relacionava com gente pouco recomendável, sem que ele soubesse.

Suspirou, colocando a mão no queixo, e continuou:

– Para mim, de qualquer jeito, ele é o culpado de tudo. É um assassino da pior espécie e temos de mandá-lo para a forca.

– Como podemos demonstrar sua culpa? – perguntou Hamlin.

– Isto nem eu mesmo sei – confessou Jordan. – Vou estudar o assunto esta noite. Vocês vão demorar para fechar o escritório?

– Não, estamos esperando a diligência de Rapid City. Quando ela chegar, e assim que alojarmos os passageiros, poderemos descansar. Nem jantei ainda – queixou-se Leslie.

– Bem, isto não é problema. Por que não janta comigo na cantina ali na frente? Enquanto

isso, Hamlin pode ficar esperando a diligência. Quando chegar, você volta ao escritório.

– Pode ir, srta. Harwood – incentivou o gerente. – Foi um dia de muito trabalho e precisa se alimentar. Eu me ocupo de tudo enquanto janta.

– Obrigada, Hamlin. Voltarei em seguida.

Pouco depois estavam sentados em uma mesa do restaurante vizinho, jantando tranqüilamente. Leslie olhou seu companheiro com ar sério.

– O que fez esta tarde com Laverne foi algo impressionante. Porém, poderia ter morrido, Clint...

– A vida pode ser perdida a qualquer momento – disse ele, dando de ombros. – Esse é um risco que se corre sempre. Agora coma e esqueça as coisas desagradáveis...

Infelizmente, as boas intenções de Jordan não adiantariam muito. Estavam terminando o jantar quando a diligência de Rapid City apareceu no fim da rua. Desta vez parecia tudo

normal. O veículo chegava na velocidade de costume, e o cocheiro gritava animando os cavalos no último trecho.

De repente, a rua inteira pareceu estourar em mil pedaços. O prédio onde estava a Dakota Overland pareceu entrar em erupção como um vulcão. A explosão fez tremer a cidade, arrebatando inclusive os vidros do restaurante. A fachada de madeira do escritório da Companhia foi pelos ares num inferno de fogo e fumaça.

O cocheiro puxou violentamente as rédeas fazendo os cavalos empinarem-se, parando o veículo com dificuldade, próximo ao lugar da explosão, no meio do caos total que invadiu a rua principal de Cactus Fiat.

Capítulo 6

A confusão em Cactus Fiat era absoluta. A cidade, inteira estava invadida pela fumaça e pelo cheiro de madeira queimando.

Os bombeiros tentavam apagar, sem muito sucesso, o fogo que se alastrava no edifício onde havia acontecido a explosão. Todos tentavam ajudar e até os passageiros da recém-chegada diligência, assustados, tentavam fazer alguma coisa.

Jordan e Leslie Harwood estavam próximos aos bombeiros, apesar de eles não permitirem a ninguém chegar perto do edifício em chamas.

Um dos homens tirou de entre as chamas o jovem Ned Hamlin, o ruivo da Dakota Overland, que tinha queimaduras sérias nas mãos, no rosto e no peito. Felizmente, a informação dada por um médico ao pistoleiro e à dona da Companhia foi boa:

– Não se preocupem. O ferido sofreu queimaduras, porém não corre risco de vida. Ele teve a sorte de estar junto à caixa-forte quando aconteceu a explosão. Sem dúvida foi isto que o salvou de uma morte certa. Devem ter usado bastante dinamite. Isso dá para se ver...

Leslie, bastante pálida, concordou com a cabeça. Clint Jordan fechou a cara, furioso, tentando dominar a raiva que ameaçava consumi-lo. Seus olhos escuros brilhavam coléricos, fixos no fogo que dominava o prédio.

– Starret... – disse ele, ofegante. – Poderia jurar que é obra dele... Outra de suas malditas trapaças...

– Foi ele mesmo. Mas como provar? – perguntou a jovem loira com um tom amargo na voz.

– Não sei. Vou tentar de tudo, porque minha paciência se esgotou.

– Por Deus! Tenha cuidado – murmurou ela, tocando seu braço. – Não faça loucuras. Talvez ele esteja esperando exatamente isto para

se livrar de você. Pense que Hamlin se salvou e que a companhia de seguros irá pagar o edifício queimado, mesmo que isto dê um ataque em Wallace. Nós não perdemos nada.

– Lamento não pensar o mesmo, srta. Harwood – disse uma voz tranqüila atrás dela.

Ambos se viraram surpresos. Um homem elegante, de casaca escura, laço negro sobre a camisa branca e chapéu de aba larga negro, se inclinou educado na frente deles. Parecia ser um dos passageiros da diligência que acabara de chegar. Suas feições eram frias. O olhar, duro e misterioso.

– Desculpe, acho que não o conheço – disse Leslie.

– Mas eu conheço a senhorita. Acabam de me informar que é a proprietária da Dakota Overland Mail & Co., estou certo?

– Assim é, senhor...

– James Cortland, do Departamento de Concessões do Governo do Território de Dakota do Sul – se apresentou impassível o estranho.

– Lamento comunicar – continuou – que por causa das circunstâncias que presenciei hoje, aqui, é minha obrigação anunciar que a senhorita perde automaticamente os direitos da concessão da sua linha, ficando ela livre a partir do dia de amanhã...

O homem deu um passo à frente sob o olhar atento de Leslie. E continuou:

– A menos que sua Companhia possa garantir plenamente a segurança das instalações, veículos, passageiros e encomendas sob sua total e absoluta responsabilidade. A senhorita dispõe de menos de quinze horas para conseguir regularizar a Companhia.

– Isto quer dizer que Nelson Starret conseguiu o que queria, não é mesmo, sr. Cortland?

– Eu não sei quem será o futuro concessionário, porém é óbvio que se a sua Companhia não pode garantir a segurança da linha, a decisão do governador será definitiva. A denúncia que recebemos em Fort Pierre, capital

do Território, foi confirmada pelo triste incidente desta noite.

– Incidente? O senhor chama incidente um atentado com dinamite? – estourou Jordan violentamente. – Por que o seu governador não procura os culpados para prendê-los e enforcá-los em vez de tirar a concessão de pessoas honradas e eficientes? Isto não é fazer o jogo sujo de gente ambiciosa e sem escrúpulos, sr. Cortland?

– Não sei quem é o senhor e nem me importa saber. Porém, se deseja denunciar alguém, não sou eu a pessoa indicada. Por que não procura o xerife deste local?

– Porque nesta cidade são todos uns inúteis, apavorados pelo poder de um miserável chamado Nelson Starret! – gritou Clint, furioso, pegando Cortland pela lapela e sacudindo-o violentamente.

O homem ficou com os olhos arregalados.

– E, pelo que estou vendo – continuou –, todas as malditas autoridades de Dakota do Sul

são tão inúteis e estúpidas como a lei deste lugar! Mas juro que se a Justiça deste Território não serve para nada, servirá a justiça de Clint Jordan, quer vocês gostem ou não. Entendeu bem?

Soltou o enviado do governador com tal energia que ele bateu nas colunas do alpendre atrás dele, cambaleando. Leslie segurou Jordan por um braço.

– Pelo amor de Deus, Clint. Deixe-o ir, deixe-o! – implorou. – Não piore mais as coisas. Além do mais, ele tem razão. Está demonstrando que não sirvo para levar a Companhia em frente. Amanhã ao meio-dia entregarei a concessão. Acho que a guerra está perdida. Não posso mais fazer nada.

Cortland dignamente arrumou a casaca, olhou Jordan com desprezo e foi embora, advertindo Leslie secamente:

– Já está ciente, senhorita. Voltarei amanhã ao meio-dia! E isto é tudo.

O pistoleiro golpeou furiosamente a parede com os punhos. Seu rosto estava transfigurado pela raiva.

– Calma, Clint – suplicou ela.

– Sinto muito – respondeu Jordan. – Se você pensa que vou cruzar os braços e entregar o que seu pai tanto amava a estes lobos sanguinários, está muito enganada.

– E o que mais posso fazer? Tudo isto não se arruma em uma noite.

– Não? É o que veremos!

E foi rapidamente até o estábulo onde estava seu cavalo.

Ela o interpelou, alarmada.

– Clint, aonde vai? O que você pretende fazer agora? Não faça loucuras!

Ele nem respondeu. Momentos depois, afastava-se a galope deixando Leslie abatida, com a cabeça baixa. Lágrimas caíam de seus belos olhos azuis.

– Está chorando, senhorita? O que aconteceu? – perguntou uma voz suave.

Ela levantou a cabeça e viu René Laverne.

— Veja o que aconteceu, Laverne. O escritório destruído, Hamlin ferido. E, ainda por cima, amanhã a Companhia não me pertencerá mais. Starret sairá triunfante de tudo isso.

Ela enxugou as lágrimas e continuou falando.

— René, Clint foi embora enfurecido e com certeza irá cometer alguma tolice se alguém não o impedir. Ele está furioso!

— Entendo — disse o homem de New Orleans, franzindo a testa. — Vá descansar e fique tranqüila. Tentarei alcançar Clint.

O cavalheiro de Luisiana se afastou rapidamente, desaparecendo na noite iluminada pelos restos do incêndio.

Clint Jordan seguia a pista.

Era um rastro difícil, ainda mais debaixo da fraca luz da lua encoberta pelas nuvens. Porém, com a ajuda de alguns fósforos, conseguiu seguir as pegadas nos pontos mais macios do chão duro das Bad Lands. Tinha começado do lugar

onde a diligência havia sido massacrada e onde ele e Laverne tinham sofrido a emboscada.

Agora ele estava bastante distante desse lugar, num local de grandes penhascos com contornos sinistros. Já havia percorrido uns 3 quilômetros na pista dos falsos peles-vermelhas.

Depois dos penhascos, encontrou-se num caminho que descia até um pequeno vale. Desmontou do cavalo sem fazer barulho e prosseguiu a pé, puxando o animal pela rédea. Sua marcha foi interrompida por uma cerca. Caminhou ao longo dela, procurando uma estrada. Não demorou para encontrar uma porteira de madeira. Sobre ela havia um cartaz, onde estava escrito em negro:

NÃO ENTRE. PROPRIEDADE PRIVADA
DE NELSON STARRET.

— Starret! — murmurou Jordan entre os dentes, apertando as mandíbulas. — Então é isso. Os assassinos saem daqui, cruzam a região para cometer seus crimes e voltam para a propriedade de seu chefe sem deixar rastros. As

minhas suspeitas estavam certas. Este bastardo está por trás de tudo!

Experimentou abrir a porteira, que cedeu facilmente. Avançou de revólver na mão, nas terras de Starret, disposto a tudo. Sobravam pouco mais de doze horas para Leslie. Não podia voltar atrás. Agora ou nunca, pensava Jordan, enquanto se movia na escuridão.

Ao seu redor, tudo era silêncio. Mas viu luzes brilhando a distância. Sem dúvida era a casa da fazenda de Starret. Talvez estivesse festejando a vitória, pensou o pistoleiro. A esta hora já deveria estar sabendo do ultimato dado a Leslie Harwood pelo enviado do governador.

Continuou avançando em total silêncio. Chegou a uns estábulos cheios de cavalos, junto a galpões escuros. Rodeou o lugar chegando mais perto da casa principal.

Foi então que o contato frio do cano de uma arma em sua nuca o paralisou.

– Um passo a mais e estouro seus ouvidos
– sibilou uma voz. – Desta vez, foi longe demais, amigo.

Capítulo 7

Num momento, viu-se cercado por pelo menos uma dúzia de homens, todos apontando armas para sua cabeça. Jordan percebeu que não poderia fazer nada. O menor movimento seria morte certa. Com rapidez lhe tiraram os dois revólveres.

— Ora, ora — disse alguém. — Morria de vontade de conhecer pessoalmente tão valoroso inimigo... Quer dizer que é você o terrível Nebraska Jordan, não?

— E você, quem diabos é? — perguntou Clint secamente.

— Moss Fletcher, o capataz desta fazenda — apresentou-se o outro, enfiando o cano do revólver no nariz de Jordan, contendo-se para não disparar. — Você já ouviu falar de mim?

— Claro — assentiu friamente o homem de Nebraska sem pestanejar. — Sei que se relaciona com os tipos que andam por aí fantasiados de

índios como o cara que estava hoje no alpendre do xerife. Por que será que você não gostou que ele fosse visitá-lo lá na taberna para bater um papo?

Fletcher resmungou qualquer coisa com ódio. Parecia quase a ponto de apertar o gatilho e esparramar o cérebro de Jordan, atirando pelas narinas dele.

— Deveria arrebentar sua cabeça agora mesmo — esbravejou. — Você é muito espertinho para meu gosto, seu filho da puta. Como soube dessa minha conversa com aquele infeliz?

— Estou sabendo, e isto é suficiente. Poderia enviá-lo à forca com esta testemunha. Esses falsos índios assassinaram a sangue-frio nove pessoas. Acho que pegaram gosto pela coisa desde que acabaram com o holandês Van Cleef e os demais passageiros faz um ano, não é verdade?

— Cale a boca! Você fala demais! Não sabe o risco que está correndo agora, Nebraska.

– Claro que sei – riu Jordan. – A vida. É tudo o que me pode tirar.

– Já teria feito isso, se o patrão não quisesse se ocupar pessoalmente de você. Olhe, ele vem chegando. Vamos ver o que o chefe decide, seu rato.

De fato, o corpo maciço de Nelson Starret apareceu acompanhado de dois de seus homens, que carregavam um lampião. Ele contemplou com olhar cínico seu prisioneiro.

– Então voltamos a nos ver, hein, Jordan?
– disse risonho. – Em circunstâncias bem diferentes do que da outra vez, não acha?

– É... só que agora tenho provas que podem mandá-lo para o inferno – retrucou duramente o pistoleiro. – Seus homens se disfarçam de índios, atacam as diligências, matam sem piedade os passageiros e voltam por este caminho deserto até sua fazenda.

– E como vai usar estas provas? – caçoou Starret. – Você não vai sair vivo daqui. Amanhã

não existirá nem sombra de você e a linha de diligências será finalmente minha.

– Isto é o que veremos – disse Jordan, dando de ombros.

– Você não vai ver nada – retrucou Starret virando-se para seu capataz. – Moss, leve esse sujeito para fora da fazenda. Não quero cadáveres comprometedores nas minhas terras. Adeus, Nebraska. Como vê, se colocou do lado perdedor. Você não foi inteligente.

Dando as costas ao pistoleiro, gritou asperamente:

– Levem este homem daqui. Quanto mais rápido, melhor.

– Sim, chefe – falou Fletcher satisfeito. – Acabarei com ele num instante. Eu próprio vou me ocupar deste cão sarnento.

– Faça como quiser, mas faça. Voltem logo para informar-me! – E olhando ironicamente para o pistoleiro disse: – Boa viagem para o Além. Espero que seu espírito volte com a diligência-fantasma.

Soltou uma gargalhada e saiu com dois homens e o lampião.

O capataz começou a conduzir Jordan até o local escolhido para matá-lo. Sua voz soou receosa.

– O patrão não devia fazer esse comentário. Não gosto que se brinque com certas coisas. Eu mesmo já vi, uma certa noite, essa diligência luminosa ao longe, e não gostei nem um pouco.

– Nem eu, Moss – confessou o outro homem de Starret.

Não falaram mais nada até estarem longe da fazenda. Chegaram até o caminho usado normalmente pelas diligências e pararam. Eram oito homens junto ao pistoleiro, além de Fletcher.

– Aqui – disse este último. – Este é um bom lugar, rapazes.

O capataz engatilhou seu revólver com calma. A luz encoberta da lua mostrava a fria expressão de satisfação quando levantou a arma para apontá-la para a cabeça de Jordan.

– Reza, rato. Você vai fazer sua última viagem!

Um grito de terror cortou a noite. Foi um autêntico uivo de pânico, instintivo.

– Olhe, Moss! – disse aquele que gritou. – Olhe isso, por todos os demônios!

Fletcher virou-se carrancudo para onde apontava seu homem, sem chegar a disparar. Todos os demais giraram a cabeça para aquela direção, sobressaltados.

A diligência estava ali de novo, como na primeira vez em que Jordan a viu. Resplandecia nas trevas como uma visão apocalíptica. O ruivo holandês agitava o seu chicote, rindo às gargalhadas sem que ninguém ouvisse o som.

A fosforescente carruagem parecia flutuar no ar, suas rodas não produziam nenhum balanço. Os cascos de seus seis luminosos cavalos batiam no solo pedregoso sem o mais leve ruído.

A diligência do Além vinha diretamente na direção deles, avançando rapidamente das

sombras da noite. O capataz cambaleou, arrepiado.

— Deus nos ajude! — gritou angustiado. — São eles, são os fantasmas das nossas vítimas. Isto não é verdade!

Seus homens, apavorados, vendo aproximar-se a misteriosa diligência, fugiram o mais rápido que podiam, espalhando-se pelo campo escuro e esquecendo-se totalmente do prisioneiro.

Somente Fletcher e o capataz que havia capturado Jordan ficaram lá, estáticos.

A diligência se aproximava cada vez mais e o pistoleiro aproveitou rapidamente a providencial aparição, que, se por acaso vinha do Além, para ele significava a vida.

Esmurrou violentamente o tipo ao seu lado, que, petrificado de pavor, só tinha olhos para a diligência-fantasma. Ele caiu, fulminado com a violência do soco. Fletcher se virou rapidamente, com a arma em punho, e disparou. Porém Jordan foi mais rápido ainda. Jogando-se no

chão, a bala sibilou acima de seu corpo. Deitado sobre suas próprias armas que estavam com o homem caído no chão, disparou de volta.

Duas balas 45 atravessaram o crânio do bandido, fazendo seu corpo tombar no chão, já morto.

O pistoleiro pulou fora do caminho por onde iria passar a diligência e parou, assombrado. Não se via nenhum sinal do veículo. Era como se nunca tivesse existido.

– Meu Deus! Não foi uma alucinação – murmurou Jordan perplexo, olhando em volta. – Estava aqui faz alguns segundos.

Procurou no caminho poeirento alguma pista. Não encontrou nada. Voltou perto do corpo de Fletcher, pensativo. Fosse o que fosse, essa carruagem real ou imaginária tinha salvado sua vida.

Colocou os cadáveres dos dois bandoleiros sobre seus respectivos cavalos e foi deixá-los junto à cerca da fazenda de Starret. Não havia o menor sinal dos outros bandidos.

Porém ele tinha uma idéia fixa na mente. Regressou com seu cavalo ao lugar onde a diligência do Além havia aparecido e recomeçou a procurar rastros. Percorreu o lugar três vezes, fazendo cálculos mentais. Por fim parou no meio do caminho onde tinha visto pela última vez a diligência-fantasma. Agachou-se e passou os dedos no chão. Quando os retirou, algo avermelhado brilhava na sua pele. Seu olhar iluminou-se.

— Esta diligência existe — murmurou para si mesmo. — E não é do outro mundo. Que mistério será este?

Levantou-se e olhou para todos os lados. Voltou até o lugar onde a diligência havia aparecido. Duas massas rochosas negras como a noite formavam os lados do caminho. Examinou uma delas. Era rocha sólida. Por ali não haveria saída possível.

Do outro lado, fez o mesmo exame. Porém constatou algo diferente. Atrás das rochas descia

uma rampa que levava à entrada de uma enorme caverna, escondida pela escuridão.

– Uma caverna – disse. – Bastante alta e ampla para dar passagem a uma diligência com todos seus cavalos...

Teve um momento de indecisão e, depois, deixando fora seu animal, avançou gruta adentro movendo-se cautelosamente. Um amplo túnel conduzia ao interior mais profundo da cavidade rochosa. Ali descobriu que o caminho se bifurcava numa série de novos túneis que iam em diferentes direções.

– Isto explica tudo – continuou pensando em voz alta. – A diligência pode aparecer e desaparecer facilmente em muitos lugares graças a este labirinto de cavernas que devem dar em vários lugares.

Resolveu seguir pelo túnel maior, que parecia ser o principal. Rapidamente chegou ao fio da questão. Descobriu seis cavalos amarrados. Na escuridão, o pêlo dos animais brilhava, numa fosforescência avermelhada.

Passou a mão num deles e a retirou manchada da mesma tinta luminosa que tinha encontrado no caminho pouco antes.

– Fósforo vermelho, isso é tudo... – disse entre os dentes. – Nada de fantasmas e nada do Além... Quem terá montado esta farsa e por quê?

Seguiu nas investigações. Os cascos dos cavalos estavam enrolados com trapos bem amarrados, também fosforescentes. Isto explicava o silencioso galopar dos animais.

Mais adiante encontrou, numa caverna um pouco maior, a segunda evidência: a misteriosa carruagem. Ela também estava coberta de tinta fosforescente e tinha uma espécie de borracha envolvendo as rodas.

– Olha só o que foram inventar. Que farsa! – sussurrou Jordan, sacudindo a cabeça. – Que sentido terá tudo isso?

Virou-se em direção aos diversos túneis que se abriam naquele local. Escutou algum barulho neles. Gritou e ouviu sua voz ecoando pela caverna.

– Quem está aí? Quem quer que seja, saia, porque não tenho medo. Tudo não passa de um truque.

A resposta não se fez esperar. Dos diversos túneis saíram personagens espantosos, todos eles iluminados com a mesma fosforescência avermelhada da diligência.

Perplexo, o pistoleiro viu aparecer uma mulher com um bebê no colo que na verdade era um simples boneco; um homem elegante de roupas negras, com seu rosto maquilado de branco, um pele-vermelha de tranças negras e fita colorida na cabeça. Havia o gigantesco Van Cleef com sua cabeleira vermelha e enormes mãos, além de outros personagens fantasmagóricos.

Porém eram simples efeitos de cenografia teatral: maquilagens, perucas, truques. Eram todos homens. E homens peles-vermelhas por debaixo da maquilagem.

– Índios! – sussurrou Jordan, surpreso. – Vocês são todos peles-vermelhas. Por que esses grotescos disfarces? Por que tudo isso?

– Muito simples. Vingam os mortos. E vingar também nossos antepassados.

O pistoleiro virou-se de arma em punho para o último personagem que acabava de entrar em cena.

Este personagem olhou-o tranqüilamente, sem nenhuma arma nas mãos, e sorriu para ele.

– Você seria capaz de atirar num amigo que salvou sua vida há poucos instantes? – perguntou gentilmente a figura.

– Você?! René Laverne! – exclamou estupefato o homem de Nebraska.

– Não exatamente – respondeu o crioulo de New Orleans calmamente. – Na verdade eu sou o guerreiro Lince Vingador, filho do grande chefe sioux Faca Afiada, assassinado alguns anos atrás por um homem chamado Nelson Starret.

Capítulo 8

Clint Jordan baixou lentamente sua arma, colocando-a devagar no coldre. Foi até Laverne e pôs a mão em seu ombro, olhando-o direto nos olhos.

— Um sioux — murmurou. — Parece impossível. Juraria que você é mesmo um cavalheiro de Luisiana.

— É o que eu quis parecer — sorriu tristemente o outro. — E não foi fácil para mim. Nunca quis renegar minha condição de pele-vermelha. Meu orgulho não me permitia o fingimento, mas minha astúcia me fez agir assim. Eu tinha de punir, de algum modo, Starret por seus crimes.

— Por que você não me conta sua história, Laverne? Ou prefere que o chame de Lince Vingador?

— Pode me chamar como quiser. Suponho que Laverne seja mais fácil para você. Meu pai, Faca Afiada, foi um dos chefes sioux que

buscaram a paz com os brancos, enterrando o machado de guerra. Eles o respeitaram sempre. Porém, quando Nelson Starret chegou a estas terras, culpou meus irmãos sioux por muitos de seus crimes, sendo eles perseguidos por algo que não cometeram.

Ele se aproximou de Jordan e continuou falando.

— Por causa destas perseguições, gente de Starret assassinou meu pai. Naquela época eu era jovem demais para ser um guerreiro e vingá-lo. Isto aconteceu longe daqui, em outra região de Dakota do Sul.

Fez um gesto com a mão apontando ao longe, como se estivesse em campo aberto, fora da caverna.

— Consegui ir embora, juntando-me com uns mestiços que iam para a Luisiana — continuou ele, contando sua história. — Lá me eduquei enquanto meus irmãos de raça eram totalmente exterminados. Eu me transformei num educado cavalheiro, mas embaixo da

minha roupa civilizada continuava vivendo a alma de um guerreiro sioux, ansioso por vingar seu pai. Por isso eu voltei fingindo ser um cavalheiro do Sul, um crioulo culto e rico.

– Starret já estava aqui, em Cactus Fiat?

– Sim. Eu soube disto e vim enfrentá-lo, concorrendo inicialmente com ele nos negócios de cavalos, esperando a minha grande chance.

– É claro que um sioux deve caçar muito bem cavalos selvagens – sorriu o pistoleiro.

– É isso mesmo – respondeu sorrindo Lince Vingador. – Foi nessa época que atacaram e mataram todos na diligência conduzida por Van Cleef. Foi aí que tive a idéia de inventar esta farsa para acabar lentamente com o moral de Starret.

O falso crioulo sorriu ironicamente e continuou.

– Queria provocar medo nele. Levá-lo à loucura e ao desespero ao ver surgir na noite as vítimas de seus crimes transformadas em fantasmas. Eu conheço as cavernas da região e

foi fácil para mim. Infelizmente, apesar de tudo Starret não se desmascarou.

– E depois?

– Aí você chegou, e eu decidi lutar a seu lado. Você me pareceu o homem certo para mandar esse canalha para a forca. E assim foi. Esta noite, quando Leslie me disse onde tinha ido, pensei que a melhor forma de ajudá-lo era fazer reaparecer a diligência-fantasma. Ainda bem que funcionou.

– Digo o mesmo. Obrigado pelo favor, amigo Laverne. O que podemos fazer agora?

– Algo grandioso. Temos de acabar com este homem de uma vez por todas. Depois do que ele fez esta noite, dinamitando o escritório da srta. Harwood, já não há dúvida. Temos de destruí-lo definitivamente.

– Não acham que para acabar com Nelson Starret é preciso algo mais do que um punhado de covardes que se fantasia de morto?

O som daquela voz rude colocou em guarda tanto Jordan quanto o guerreiro sioux, assim

como os peles-vermelhas. Todos viraram-se para o lugar de onde vinha, enquanto o pistoleiro tentava sacar seu revólver.

– Quietinhos todos – gritou a mesma voz
– ou enchemos vocês de balas.

– Você! – gritou Laverne, com a voz cheia de ódio. – Starret...

Com efeito, ali estava ele novamente com mais uma dúzia de homens apontando seus revólveres. Uma expressão de triunfo se refletia no rosto do assassino.

– Isto mesmo. Starret! – confirmou ele. – Starret, que não conseguiu engolir a história da diligência-fantasma. Que quando soube que este maldito veículo tinha saído esta noite, salvando a vida de Nebraska, decidiu verificar por conta própria o que estava acontecendo aqui.

O fazendeiro sorriu cinicamente, olhando para Jordan.

– Starret, que encontrou a entrada desta caverna graças a alguém que deixou seu cavalo junto a ela.

— Maldição! Foi minha culpa! — lamentou-se Jordan. — Deixei meu cavalo na entrada. Não sabia o que ia encontrar aqui.

— Dá na mesma — sorriu o filho do chefe sioux. — O destino tem seus caminhos marcados. Os deuses resolvem como as coisas devem acontecer. Que seja como queira o Grande Manitu, meu amigo.

— Acabo de ouvir parte de sua interessante história, índio sujo — disse o facínora com uma risada. — Quer dizer que você queria se vingar de mim... Muito bem! Chegou sua última hora. Aqui vai ser o cemitério de todos vocês. E nunca mais vai aparecer esta diligência-fantasma. A lenda acabou.

— Porém não seus crimes — disse friamente Jordan. — Você tem muitas vidas inocentes na sua consciência. Duas diligências inteiras foram massacradas por seus homens em um ano. Estes crimes se pagam. Essas almas vão vir algum dia para arrastá-lo ao inferno que merece!

— Já basta — enfureceu-se Starret, blasfemando. — Os espíritos não existem, Nebraska, e você sabe disso! Acabaram-se as histórias para crianças! Rapazes, preparem-se para disparar. Ninguém deve escapar com vida.

Neste momento, os peles-vermelhas, reagindo corajosamente, correram em direção aos bandidos gritando de forma ameaçadora apesar de estarem desarmados.

— Fogo! — gritou o fazendeiro a seus homens.

E estes começaram a atirar com raiva sobre os indefesos índios. A salva de disparos produziu na caverna um eco surdo, ao mesmo tempo que as vítimas eram lançadas contra a parede, mortalmente feridas.

Jordan aproveitou o momento e conseguiu sacar seus dois temíveis revólveres. Com disparos certos, fulminou vários homens de Starret. Lince Vingador também reagiu, tirando seu Colt do coldre e jogando-se ao chão para unir seu fogo ao do amigo.

Porém, eram apenas dois homens contra um grupo de treze. Caíram quatro bandoleiros, mas os demais se protegeram atrás da diligência luminosa, incluindo seu chefe.

— Vocês estão perdidos! — gritou Starret. — Não vão sair vivos daqui!

E o bando recomeçou a disparar, causando profunda ressonância na caverna. E foi por causa disto que aconteceu um milagre salvador, com o qual nem o pistoleiro nem o sioux tinham contado.

De repente, o teto da gruta despencou por causa da vibração produzida pelos disparos. O fazendeiro e seus homens viraram-se aterrorizados. Atrás deles, a parede ia cedendo também, causando um barulho infernal, aumentado pela ressonância da caverna.

— Cuidado! — gritou o assassino angustiado. Mas as paredes começaram a desmoronar sobre eles. Junto com elas, porém, uma coisa mais apavorante e inacreditável

atingiu os bandoleiros, acabando definitivamente com a tentativa de reação.

Entre as pedras que desmoronavam, dezenas e dezenas de corpos cinzentos, horríveis, desabaram sobre os bandidos, enchendo-os de terror.

– O que é isto, meu Deus?! – gritou Jordan, também horrorizado com a presença daqueles cadáveres de rostos enrugados, de pele apodrecida sobre o esqueleto, que caíam sobre os homens de Starret.

– Múmias, Clint – respondeu surdamente Laverne.

– Múmias? – repetiu o pistoleiro estupefato.

– Sim, múmias indígenas. Um cemitério sioux subterrâneo, oculto nestas grutas. Ao cair as paredes, as múmias saíram de suas tumbas e despencaram sobre o bando.

Enquanto falava, Laverne ia atirando sem piedade nos bandidos que tentavam escapar. Também Jordan disparava com calma, matando-

os com total indiferença. Os apavorados facínoras nem ao menos tentavam se defender.

– Malditos, atirem! – gritava exasperado Starret. – Atirem. São somente múmias indígenas, não vão fazer nenhum mal.

Os corpos mumificados dos velhos guerreiros sioux continuavam caindo sobre eles numa dança macabra. Os três únicos sobreviventes jogaram fora suas armas e correram até Jordan e Laverne com os braços levantados.

– Não disparem. Nós nos rendemos – disse um deles. – Testemunharemos contra Starret se vocês nos garantirem que não iremos à forca. Fomos nós que colocamos o explosivo no escritório da Companhia.

– Porcos! Miseráveis! Traidores! – gritou o fazendeiro ao ouvi-los. – Eu os enviarei ao inferno, onde não poderão abrir a boca.

E disparou matando com uma bala na nuca aquele que tinha falado. Mas não conseguiu atingir os outros dois capangas.

Jordan os defendeu atirando rapidamente contra o assassino, fazendo voar o revólver da sua mão. Starret gritou de dor, enquanto segurava a mão ensangüentada com os dedos arreventados.

Os dois bandidos sobreviventes caíram de joelhos na frente do pistoleiro e de Lince Vingador.

– Não nos matem – implorou um deles soluçando. – Confessaremos tudo o que Starret nos mandou fazer, mas não deixe que nos mate.

– Não precisam ter medo – prometeu Laverne. – Levaremos vocês ao xerife e, se vocês confessarem tudo, isto será levado em consideração. Talvez possam escapar da forca. Para mim é suficiente ver esse canalha do seu chefe ficar dependurado em uma corda algum dia.

E, olhando para o homem de Nebraska, falou:

– Como pessoa civilizada que agora sou, devo renunciar a minha vingança pessoal, deixando que a Justiça tome conta do caso.

Starret soluçava covardemente, ajoelhado entre as múmias, que pareciam olhá-lo ironicamente, enquanto segurava sua mão destroçada.

Jordan apontou para os cadáveres acinzentados dos guerreiros sioux.

– Sabe de uma coisa, amigo? – disse a Laverne. – Acho que, depois de tudo, os espíritos nos ajudaram muito. Foram eles que se vingaram de Nelson Starret quando chegou o momento certo.

– Sim, é possível – concordou o outro, com gesto grave. – Afinal de contas, Clint, quem pode saber o que existe no Além? O que foi começado como uma farsa, acabou terminando como verdade.

O xerife Dekker deu duas voltas na chave, fechando Nelson Starret na mais sólida cela que

havia na cadeia. Agora ele estava muito menos arrogante do que antes, com a mão direita enrolada em bandagens.

– Depois do depoimento de seus comparsas, não há quem salve este tipo da forca – murmurou Dekker, balançando a cabeça. – São crimes demais...

Leslie suspirou aliviada.

– Pelo menos, seja lá quem for que fique com minha linha de diligências, não será um canalha tão vil – disse resignada.

James Cortland, chapéu na mão, se aproximou dela lentamente. Ela o olhou, esperando.

– Srta. Harwood, se íamos tirar sua concessão, era justamente por causa de uma denúncia formulada contra sua Companhia por Nelson Starret. É óbvio que, de acordo com as declarações que estão em poder do xerife, o próprio denunciante era o principal inimigo da Dakota Overland.

Fez uma pausa e desviou o olhar por alguns instantes para Jordan, que estava ao lado dela. Depois, voltou a falar olhando para a proprietária da Dakota Overland.

– Assim sendo, em vista dos últimos acontecimentos, não existe mais motivo para duvidar da segurança da linha. Portanto, revogando a ordem anterior, vou lhe conceder um ano para demonstrar a segurança de suas diligências. Se neste tempo tudo funcionar normalmente, a concessão será definitivamente sua, como foi até agora.

– Obrigada, sr. Cortland. Como poderei demonstrar minha gratidão?

– De forma alguma, senhorita. Não é mérito meu e sim dos bons amigos que tem aqui.

Fez um gesto de cabeça indicando o pistoleiro e Laverne, que acabava de entrar no recinto.

– É por causa deles que a senhorita e sua Companhia estão fora de perigo. Estou me limitando a fazer o que manda minha

consciência. E isso é tudo. Devo regressar a Port Pierre para informar o governador de Dakota do Sul sobre tudo o que ocorreu aqui.

Dizendo isto, afastou-se. Leslie, radiante, virou-se para seus amigos.

– Como poderei agradecer tudo o que fizeram por mim? – disse, emocionada.

– No que me diz respeito, srta. Harwood, eu me limitei a tentar vingar-me pessoalmente de um canalha – disse com simplicidade o cavalheiro de Luisiana.

– E eu cumpri com meu dever como seu empregado – sorriu Jordan.

– Os dois sabem que não é somente isto. Devo muito mais a vocês. Clint não somente me ajudou com seu dinheiro como arriscou várias vezes a vida para salvar meu negócio.

Ela olhou séria para o pistoleiro.

– Terei de aumentar seu salário, Clint... quando entrar dinheiro.

– Agora vai entrar com certeza – riu Nebraska Jordan. – Mas não precisa se

preocupar comigo. Posso esperar por meu pagamento o tempo que for necessário.

– Clint, acho que você merece muito mais do que um salário – disse ela com espontaneidade. Aproximando-se dele, sussurrou: – Que acharia de se tornar meu... meu sócio na empresa de diligências?

– Seu sócio? – surpreendeu-se Jordan.

– Foi isto o que eu disse. Preciso de um homem que toque o negócio, que o administre no lugar do pobre Hamlin, que ainda está se recuperando das queimaduras... Você é muito mais do que um simples empregado que usa um revólver. É um homem inteligente, decidido, capaz. Por favor, não recuse a minha oferta.

– Quem poderia recusar? De acordo... – e estendeu a mão. – Fechamos o negócio assim? Sócios desde já...

– Eu o selaria melhor assim, Clint – sorriu ela. E se dependurou no pescoço dele, beijando-o nos lábios.

Lince Vingador pigarreou sorrindo, mantendo um discreto silêncio. Jordan olhou surpreso para a moça.

– Acha que fui muito precipitada? – ela riu, separando-se dele.

– Não, eu acho você bonita demais para resistir à tentação – respondeu Clint Jordan.

E a atraiu para si, beijando-a na boca com paixão. Leslie Harwood não ofereceu resistência e o beijo se prolongou... e se prolongou.

Fim